

O PROCESSO DE TERCIARIZAÇÃO DO ESPAÇO METROPOLITANO: UM ESTUDO SOBRE SUA REALIZAÇÃO NA REGIONAL ADMINISTRATIVA DE SANTO AMARO - SÃO PAULO.

Christian Dennys Monteiro de Oliveira

O estudo que desenvolvemos aqui vem dar continuidade ao trabalho teórico apresentado no BPG nº 65. Esta parte é composta de dois blocos de análise, interligados na preocupação de especificar o fenômeno da Terciarização Metropolitana no interior de uma Região Administrativa da Capital. O primeiro bloco expõe a organização do Trabalho de Campo, assim como a interpretação proveniente dos dados resgatados. O segundo, porém, cuida de fazer a amarração entre o aprofundamento ao qual chegamos a respeito deste processo e a estruturação urbana concreta verificada na Região de Santo Amaro. Esperamos, com isto, propiciar maior clareza analítica para o entendimento deste processo.

TRABALHO DE CAMPO

INTRODUÇÃO

As atividades programadas com "trabalho de campo", em verdade antecederam a elaboração de várias formulações a respeito da estrutura metropolitana da região em questão. Mas devemos lembrar aqui, que grande parte de seu conteúdo fora desenvolvido pela carência estatística em que se mantinha o nível mais específico de nosso estudo.

Por esta razão, organizamos três atividades complementares e independentes, sobre as quais as dificuldades existentes não formariam obstáculos intransponíveis. No presente texto entretanto, dado o propósito principal estar ligado a compreensão objetiva da Terciarização do Espaço, iremos desenvolver apenas o conteúdo da segunda e mais complexa destas atividades: o **cadastramento ocupacional** dos estabelecimentos situados nas amostras (trechos de vias públicas) do mercado de trabalho terciário. Essa complexidade foi produzida obviamente pelas características encontradas tanto na realidade regional quanto no tipo de trabalho com o qual lidamos. Acreditamos, portanto, podermos encará-la com suficiente naturalidade no decorrer desta análise empírica.

A ORGANIZAÇÃO DO CADASTRAMENTO

A) Fase de execução do levantamento de campo

Para a realização dessa atividade, fomos obrigados a partir de um critério de seleção das vias, demasiadamente aleatório, dado as seguintes condições para a pesquisa: 1º) Não possuíamos uma quantificação exata ou aproximada da extensão de todas as vias que se encontram na "área urbana" da Região; 2º) Mesmo se a tivéssemos, não conseguiríamos dar conta de uma amostra nem de 1% do universo, frente as nossas disponibilidades de tempo; 3º) e ainda que fosse possível, sendo a lógica da distribuição de mercados de trabalho, completamente desigual e heterogênea, tornaria-se ilusória a idéia de se usar uma medida padrão para todo e qualquer trecho selecionado.

Enfim, achamos totalmente inviável uma rigorosidade estatística para a seleção de trechos. Mas, antes de mencionarmos a fórmula sobre a qual trabalhamos, tentaremos justificar o porquê da utilização e "trechos de vias", e não as praças ou quarteirões.

A razão disto encontra-se no produto da primeira atividade empírica, na qual, ao observarmos os Pólos Terciários, constatamos que nenhum deles deixavam de caracterizar-se pela presença de um trecho de via principal, funcionando como seu "eixo central". E além disso, outras concentrações de destaque, as quais não foram classificadas como Pólos, principalmente pela ausência de movimento comercial considerável (isto aparentemente), quase que por unanimidade assentam-se ao longo de trechos viários: Av. Santo Amaro, Vereador José Diniz, e Roberto Kennedy.

Assim chegamos a necessidade de efetuar a seleção, tendo por base os seguintes critérios:

a) Que todos os pólos, anteriormente observados na primeira atividade empírica, fossem atingidos.

b) Que a extensão do trecho a ser observado, possua uma representatividade bastante considerável do mercado de trabalho local, e ao mesmo tempo possa ser comparada com as outras extensões cadastradas.

c) Que nos trechos em geral fosse(m): 1 - relacionados os estabelecimentos formais ou informais, as residências (integradas a este ou não) e os estabelecimentos ou residências que estivessem fechados; 2 - cadastrada a quantidade total de trabalhadores (sócio, patrão e empregados) em média aproximada; 3 - no caso das indústrias, cadastrados ainda o total de trabalhadores diretos (da "produção"); 4 - relacionados, apenas, os estabelecimentos (e não cadastrados os trabalhadores), quando estes encontrarem-se em edifícios.

d) Que se realizasse uma separação inicial entre Comércio e Serviços, apenas para distinguirmos quais serão reagrupados nesta ou naquela classe.

Com isso, selecionamos os trechos abaixo, as respectivas extensões (que alcançaram 5 cm no mapa de zoneamento urbano, com escala de 1:18000) e as equivalentes áreas de influência as quais exercem polarização mais direta.

Em cerca de (20) vinte dias foi realizado este cadastramento, dando origem ao conjunto de dados, cuja reorganização possibilitou as montagens das tabulações anexas a este trabalho. Porém é importante mencionar que alguns

Trechos	Extensão	Limites	Área de influência
SABARÁ	900 m	da Av. Interlagos até a R. Cúria	Periferia de Pedreira
CUPECÊ	900 m	da R. Rob Hottinger até a R. José de Anchieta	Periferia do J. Miriam
BORORÉ	900 m	da R. João Antonio Corrêa até a Estrada da Varginha	Periferia do Grajaú
VILELA	900 m	da R. José Garzoti até o Largo do Rio Bonito	Periferia de Interlagos
PINEDO	900 m	(toda extensão da Av. de Pinedo)	Periferia de Guarapiranga
LARGO 13	1800 m	Alameda S ^o Amaro + L13 + Av. Adolfo Pinheiro (até R. 9 de julho)	Regionais de Santo Amaro e Campo Limpo
SANTO AMARO	900 m	da R. da Paz até a Av. Roque Petroni	Bairros "centrais" e o fluxo L13 / Centro
MORUMBI / NABUCO	900 m	da R. Brito Peixoto até a Av. Vereador José Diniz	Bairros "centrais" e o fluxo L13 / Centro
J. DINIZ	900 m	da R. Dom Manuel até a R. Edson	Bairros "centrais" e o fluxo L13 / Centro
ATLÂNTICA	900 m	da R. Leonardo Fássio até a R. Luís Wailman	Interlagos e área metropolitana
JURUBATUBA	1800 m	da Av. Interlagos até a R. Álvaro Gomes dos Reis	área metropolitana

dados foram obtidos com certa suspeição (que por serem em pequena quantidade, acabaram incorporados); enquanto outros foram conseguidos por telefone. O fundamental entretanto é o valor global do que fora escolhido.

B) Fase de organização dos dados

Tendo em mãos todo o produto de cadastramento, iniciamos a primeira lapidação dos dados brutos visando constituir uma estatística que precede o lançamento destes na tabela.

Para isso, em primeiro lugar fomos riscando os números de avenidas (trechos) que equivaliam a residências, a estabelecimentos desativados e aos não identificados. Posteriormente fizemos uma contagem geral dos seguintes itens por trechos cadastrados, incluindo de forma específica a zona Industrial de Jurubatuba.

- 1) Estabelecimentos Relacionados
- 2) Estabelecimentos Cadastrados
- Demais 3) Estabelecimentos Fechados
- 4) Estabelecimentos em Edifícios
- 5) Total de trabalhadores
- 6) Estabelecimentos industriais a) Total de trabalhadores
b) Total na produção

Jurub. – ítem 6 mais,

- 7) Estabelecimentos não industriais
- 8) Indústrias por ramos

Conseguimos, a partir deste primeiro passo, identificar o comportamento geral da distribuição de estabelecimentos por trechos cadastrados. Estes dados fundamentais seriam depois revistos na contagem das distribuições que agora precisaríamos fazer por ramos de comércio e serviços, ou seja, uma estatística estrutural.

Iniciamos por acrescentar, junto a tradicional divisão entre Comércio e Serviços, dois outros agrupamentos de menores contingentes, mas que por suas próprias características valeriam a pena serem destacados. São eles: os estabelecimentos **Mistos** de comércio e serviços, e os estabelecimentos declaradamente **Informais**; com eles totalizaremos quatro grupos cuja somatória resultaria na configuração do **Setor Terciário**. As atividades terciárias do secundário teriam seu peso auferido a partir da subtração do total de trabalhadores na indústria pela total de trabalhadores na produção direta.

Restava-nos agora relacionar, agrupamentos específicos, os tipos de comércio, serviços e mistos, de maneira que pudessemos chegar a um quadro mais detalhado do comportamento estrutural de cada trecho cadastrado. Portanto, reproduziremos abaixo, essa classificação estrutural dos ramos do terciário (setor), esclarecendo de antemão que ela pouco tem a ver, diretamente, com a classificação a qual pretendemos chegar, afim de satisfazer a interpretação do processo de terciarização metropolitana:

1 – Comércio

(a1) móveis em geral, eletrodomésticos, decorações, utilidades domésticas, colchões.

(b1) imobiliárias, corretoras de compra e venda de casas.

(c1) restaurantes, lanchonetes especiais, churrascaria, pizzaria, sorveteria, bar-chopp.

(d1) autos, acessórios, postos de gasolina.

(e1) lojas de departamento, supermercados e mercados de variedades.

(f1) papelaria, bazar artigos para presentes.

(g1) confecções, bolsas, calçados, tecidos.

(h1) material para construção, material elétrico e mecânico, ferragens madeiras.

(outros 1) lanchonete, padaria, bar, açougue, quitanda, material para animais, animais, plantas, quadros, banca de jornal, discos, farmácia, flores, vidros, artigos religiosos, mercado de alimentos, doces, etc.

2 – Serviços

- (A2) bancos diversos, financiadoras, seguradoras.
- (B2) clínicas, laboratórios, ambulatórios, hospitais (particulares).
- (C2) consultórios médicos e dentários (particulares).
- (D2) serviços públicos e de infra-estrutura urbana.
- (E2) escolas, cursos, academias (particulares).
- (F2) serviços de lazer, clubes, diversões eletrônicas, passeios, motéis, espetáculos, jogos, esportes, bailes.
- (G2) serviços de reparação em geral.
- (H2) escritórios de firmas, agências de serviços de produção e mão-de-obra, contabilidade.
- (I2) serviços jurídicos, advocacia, despachantes.
- (J2) serviços religiosos, (igrejas e seitas).
- (outros 2) cabeleiros, manicures, hotéis, alfaiatarias, tapeçarias, faixas, barbearias, estacionamento, xerocópias, serralherias, balcão de passagens, depósitos, associações beneficentes, gráficas, etc.

3 – Mistos

(m): mistos de Comércio e Serviços-qualquer união igualitária no estabelecimento de ambos os ramos distintos, como por exemplo fotografia, filmes, óticas, relojarias, concessionária de automóveis com oficina autorizada.

(mC): misto de Comércio diferentes-incluídos na contagem geral do comércio como um estabelecimento só.

(mS): misto de Serviços diferentes-incluídos na contagem geral dos serviços como um estabelecimento só.

4 – Informais (Declaradamente):

comércio de rua, "compro-ouro", jogo de bicho, atividades domésticas remuneradas, engraxates, bilheteiros, etc.

C) Fase de tabulação

A tabulação dos dados foi organizada em dois tipos de tabelas básicas: as primeiras (ao todo quatro) contêm os dados absolutos, provenientes das somatórias, específicas e gerais sobre o Comércio, Serviços, Mistos, Informais e Industriais; as outras trazem esses valores transformados em dados relativos, de onde relacionam-se duas proporções: porcentagem de ramos do terciário e das indústrias por trechos cadastrados, e porcentagem de trechos por cada um daqueles ramos.

Entre os dados absolutos foram levantados 3 valores: a) o número de estabelecimentos relacionados, b) o número de estabelecimentos cadastrados, c) o número de trabalhadores cadastrados. Os estabelecimentos fechados que computamos na fase anterior foram deixados à dedução da resultante (relacionados - cadastrados). As Indústrias de Jurubatuba sofreram um tratamento específico que se caracterizou, além do destaque à quantificação dos trabalhadores diretos, pela subdivisão em tipos de indústria, que desmembrou os valores totais. Finalmente, foi feita uma comparação entre 1800m da zona industrial, L13, e a zona terciária especializada juntando **S. Amaro e J. Diniz**.

Nos quadros de dados relativos, repetiu-se a mesma trajetória de organização, sendo feita uma exclusão dos valores de estabelecimentos cadastrados. Muito embora na análise eles sejam considerados, dado sua correspondência como o montante percentual dos trabalhadores.

D) Outros esclarecimentos

Devemos acrescentar neste último item alguns detalhes que envolveram o trabalho mais imediato do cadastramento, e que auxiliam no afastamento de dúvidas sobre o rigor e a seriedade técnica existentes na construção básica do arranjo de dados, possibilitando essa tabulação.

Por tópicos, relacionemos esses elementos:

- 1) Os novecentos metros de extensão para o cadastramento é uma média da distância que foi coberta na maioria dos trechos (alguns a extrapolaram, outros se aproximaram, contudo sem exageros).
- 2) Foram cadastrados alguns estabelecimentos pelos fundos e pelas laterais, quando o acesso mais imediato a eles era a avenida cadastrada, ou mesmo quando as informações ali (nos fundos ou laterais) podiam ser obtidas.
- 3) No caso de galerias a partir do momento em que tinham duas saídas, apenas metade delas eram computadas. Com uma saída, por inteiro, somente o andar térreo (mesmo critério para os edifícios).
- 4) Foram incluídos também os estabelecimentos de esquina e aqueles situados em vilas (ruas sem saídas, no caso).
- 5) Qualquer trabalhador da loja ou serviço poderia prestar informação ao cadastramento - mesmo os dados suspeitos, não importando a proveniência, ficaram incluídos.

CADASTRAMENTO OCUPACIONAL - AMOSTRAGEM DOS TRECHOS DE VIAS

Análise efetuada sobre a Tabulação dos dados produzidos no trabalho de campo.

INTRODUÇÃO

Confeccionada a tabulação dos dados que relacionam ramos da produção com os trechos cadastrados, nas variáveis de estabelecimentos e trabalhadores, iniciaremos agora um exercício de interpretação daquilo que os números apresentam. Para isto, precisamos sistematizar da forma mais racional possível como será composta esta análise, sem é claro correremos o risco de perder, na quantificação objetiva, os elementos fundamentais para o entendimento do real. O que propomos então é subdividir os comentários em itens que privilegiem por um lado os fatores **estruturais**, ou seja, cada um dos grandes ramos cadastrados: Comércio, Serviços, Mistos, Informais e Indústrias; e por outro lado, os aspectos **espaciais**, num estudo em bloco dos trechos: "Periféricos" (SABARÁ, CUPECÊ, BORORÉ E VILELA), os "Mistos" (PINEDO E LARGO 13), os "Centrais" (S. AMARO, J. DINIZ MORUMBI-NABUCO, além do trecho especial da ATLÂNTICA) e o "Industrial de JURUBATUBA". Posteriormente faremos uma conclusão deste trabalho analítico, procurando revelar os seguintes aspectos: 1) Uma interpretação global (estrutural e espacial) de como está organizado o terciário na divisão social espacial do trabalho da Região, a partir dessas "observações prévias" e amostragem estatística; 2) Um levantamento de sugestões para uma possível continuidade do exercício de campo, através de consulta aos Órgãos e Empresas que nos deem indicações mais detalhadas sobre a organização do terciário em estudo.

ANÁLISE ESTRUTURAL

A) Comércio da região

Ao buscarmos entender a organização comercial da Regional de Santo Amaro, não seguimos a divisão tradicional entre Comércio VAREJISTA E ATACADISTA; nem classificamos, baseados nos tipos de mercadorias, todas as lojas dentro de algum subgrupo. Como a análise do Comércio, da mesma forma que outros ramos, está articulada às questões da Pesquisa, não nos interessa fazer uma estatística minuciosa do quadro comercial, mas destacar alguns subramos que nos auxiliem a avaliar o comportamento geral desse comércio a nível de Terciarização.

Sabemos que a distribuição do terciário comercial, encontra-se muito mais concentrada no que denominamos "Pólo Terciário", do que os Serviços. Isto quando levamos em consideração a diversidade interna dos dois ramos aqui destacados. Comumente é mais fácil encontrarmos um maior número de atividades de Serviços desligadas da centralidade do Pólo, do que as Comerciais.

Na Tabulação, constatamos no total dos dez trechos cadastrados (a nível de Pólo Terciário), que no Comércio trabalham 6091 pessoas (30%) de um total de 20351 ativos, ocupados neste universo de trabalho. Os estabelecimentos comerciais atingem a quantia de 834, equivalente a 50% dos 1661 relacionados (que incluem os "fechados"). Como a soma dos "fechados" chega a 51 lojas, não podemos concluir que apenas esse total de 6091 pessoas trabalhem nesses 834 estabelecimentos. Porém, pelos percentuais, vemos que o volume de lojas é relativamente mais considerável que o de pessoas ocupadas. O que é explicado pelo fato das unidades produtivas comerciais empregarem, geralmente, um menor número de pessoas, se comparadas aos Serviços e principalmente às Indústrias.

Excessões a esta generalização podem emergir a medida que agrupamos em classes distintas, certos tipos de Comércio. Vejamos: Dos 8 grupos que relacionamos em classes específicas (ver "critérios"), destacam-se, pelo total de trabalhadores empregados, as lojas de departamentos (e1), e as de confecções, bolsas e calçados (g1), que atingem cada uma o montante de 17% dos trabalhadores (**trabs**) no Comércio da Região. Contudo, se agrupássemos o volume de estabelecimentos (**estabs**) de comércio similar, como se fossem uma mesma atividade produtiva, teríamos outro contingente, certamente mais expressivo ainda: seriam os comerciários dos estabs de bebidas e alimentos básicos, os quais são majoritários dentro da classe /outros 1/. (OBS: Na tabela dos Comerciais, foram acrescentados os dados referentes a este agrupamento na /outros 1/. Não julgamos anteriormente que fosse tão necessária sua individualização como classe, mas, dado o próprio volume de estabs e trabs, resolvemos destacá-lo). Menor peso que no emprego de mão-de-obra, aparece nas imobiliárias (b1) e nas lojas de artigos de papelaria e bazar (f1) as quais representam apenas 1% de todos os trabalhadores cadastrados nas 10 vias.

Diferente configuração dá-se com a quantidade de estabs. Comparando-se os subgrupos (e1) e (g1), notamos que suas proporções **T/E (trabalhadores por estabelecimentos)** se invertem ao extremo: 5 por 1 em (e1) e 5 por 10 em (g1). Daí podemos concluir sobre a existência do caráter concentrador de trabs nas lojas de depts e supermercados e dispersor para as casa de vestuário em geral, no que concerne a relação T/E. Como o total da classe /outros 1/ (e particularmente na esfera de alimentos e bebidas básicas) é bastante alto, deduzimos seu caráter também como dispersor. Já em quantidade reduzida no percentual de estabs, aparecem novamente a classe (b1) com 4% de casas no total do Comércio.

Assim, como na proporção T/E, a maioria das classes mantêm uma razão que gira em torno de 0,5 (na escala de 0 a 1), não detalhamos o comportamento de cada um deles.

Em termo de destaques isolados entre os 10 trechos, apontamos os seguintes aspectos, baseados nos valores das tabelas:

1) As casa de alimentos especiais (c1) formam uma concentração típica de zona de terciário "central", tanto em estabelecimentos quanto em ativos, principalmente no trecho especializado da av. ATLÂNTICA, atual Robert Kennedy.

2) A participação de trabs no conjunto tende a ser mais alta que a de estabs, quando nos retemos a trechos de periferia; o contrário dá-se nos mistos e centrais. Além disso, o volume de trabs, em específico, segue, também percentualmente, comportamento idêntico, contrastando com o que ocorre nos Serviços, como veremos depois.

3) Percebemos também nuclearmente o aparecimento de outras manifestações: o grande volume de mão-de-obra empregado nas firmas de materiais de construção e ferragens (h1) do CUP; na classe /outros 1/ do BOR; nas confecções (g1) do L13. Assim como também de estabs nas: de auto e acessórios (d1) do VIL; de móveis e utilidades domésticas mais de alimentos especiais (a1) e (c1) do J. D. (sempre considerando-se os valores relativos). Presenças marcantes, da mesma maneira que as ausências, encontram justificativas ora na configuração do próprio trecho (âmbito de mercado), ora na área mais ampla da qual este faz parte (o que será visto na análise espacial).

Portanto, é este o arranjo do Comércio na Região, em termos gerais e específicos. O que pudemos levantar na Observação de Campo feita anteriormente nos Pólos, fica distante da estrutura detalhada a qual chegamos através do Cadastramento. Precisamos agora avaliar os Serviços, no intuito de melhor completarmos essa análise estrutural.

B) Os serviços da região

Como já comentamos, uma maior diversidade de tipos e subramos encontrada no interior dos Serviços (ramos que se distinguem do Comercial, por fazer circular um produto totalmente **imaterial**), levou-nos a aumentar de 9 para 11 as classes que seriam especificamente quantificadas. Comparadas ao Comércio, com essa heterogeneidade própria, são conduzidos, dependendo do tipo, a centralizarem-se ou dispersarem-se em demasia, tanto em estabelecimentos quanto em número de trabalhadores.

Através da Tabulação, notamos que, inicialmente, daqueles 20351 ativos,

9510, ou seja, 47% trabalham especificamente nos Serviços. Já quanto aos estabs, dos 1661, apenas 594 ou (36%) pertencem a este ramo. Verificamos ainda os que se encontram fechados ou em edifícios (também não cadastrados) e chegamos a uma taxa de cerca de 160 (30% do total); bem elevada em verdade e induzindo-nos a pensar que o proporção de trabs empregados neste ramo facilmente ultrapassa os 50% do montante real.

De qualquer modo, mesmo com esta lacuna de informação sobre os ativos, é possível contrastar antagonicamente a razão T/E entre os Serviços e o Comércio, pois o percentual de trabs, no conjunto de terciários da área, tende a ser nos primeiros sempre maior que o de estabs; principalmente nas zonas de terciário "misto" e "central", onde aparecem constantemente poucos estabs, com um volume elevadíssimo de mão-de-obra. Tanto que as classes correspondentes aos escritórios e consultórios de profissionais liberais, com poucos trabalhadores em média, baixam consideravelmente a razão mencionada acima.

A margem dos comportamentos sócio-espaciais, verifiquemos os valores que se sobressaem de forma marcante nos totais dos grupos selecionados. A nível de grandes concentrações de trabs, seja absoluta ou relativamente ao número de estabs, destacam-se: a classe dos bancos (A2), serviços públicos (B2), serviços de escritórios e agências (H2) e das clínicas, laboratórios e hospitais (B2). Na (A2) estão 16% de todos os trabs cadastrados, ou seja, 3344 ativos num total de 20351; os restantes somam cada um 7% deste total. No plano inverso, irrisório percentual de mão-de-obra é apresentado pela classe dos consultórios de saúde (C2), escritórios jurídicos (I2) (ambas fortes representantes das profissões liberais), assim como também fraco é seu volume na dos serviços religiosos (J2). De certa forma este resultado final só vem comprovar uma anterior expectativa sobre os Serviços que concentram e dispersam mão-de-obra.

Ao tomarmos o montante dos estabs, melhor ainda poderemos nos certificar dessas funções de concentração e dispersão. Mesmo que as proporções não sejam tão desequilibradas, destacam-se aqui os serviços de reparação (classe (G2)) com aproximadamente 17% dos estabs especificamente deste ramo, mas com um volume de ativos que só vai a 4% do total de 9510 pessoas ocupadas nos Serviços. A classe dos escritórios e agências (H2) tem a 2ª cota (cerca de 15%), porém não esqueçamos que a maioria deles encontram-se em edifícios; e apenas 35 dos 86 estabs relacionados, foram cadastrados. E a 3ª cabe exatamente aos consultórios de saúde (aproximadamente 12% dos Serviços), cujo volume de pessoas ocupadas, como dissemos, é proporcionalmente irrisório.

Entre os que agrupamos como /outros 2/, encontram-se vários serviços de atendimento e consumo -pessoal, como cabelereiro, alfaiataria, etc, e outros de caracterização muito variada (por exemplo, depósitos, estacionamento e hotéis). Provavelmente são os primeiros que mais forçam a razão T/E para encontrar-se disposta em 2/7% em relação a seus respectivos totais. Isto pelo fato de que estes serviços, tendo certa homogeneidade comum, caracterizam-se também como dispersores de mão-de-obra.

O processar desta concentração/dispersão, por um lado teria raiz exclusiva na organização produtiva do próprio estabelecimento que esteja em questão. Os bancos e os consultórios particulares, por força de seu próprio arranjo interno e daquilo que produzem, não equivalerão jamais, no contingente de trabs que possuem. Mas por outro lado, completando esta característica, estes Ser

viços são envolvidos, em graus diferenciados, pela gênese do Processo de Terciarização (o qual pretendemos atingir através dessa análise empírica). Assim devemos compreender que não basta encontrarmos estruturalmente estabs, os quais concentram ou dispersam mão-de-obra, obedecendo suas próprias características. Contudo, precisamos situá-los no bojo de um movimento que também é geográfico, além de econômico e social. Posteriormente discutiremos melhor esse aspecto, que não se particulariza apenas nos Serviços (ainda que estes o tornem mais claro).

Em termos de presenças destacáveis nos trechos das vias, percebemos a grosso modo:

1) O volume de trabs na classe (A2) é marcante na maioria dos trechos, principalmente na Av. de Pinedo (excessão feita à Av. Atlântica).

2) As clínicas e hospitais (B2) e os escritórios e agências (H2), são marcos quase exclusivos de zonas mistas e centrais, no que se refere a ambas as variáveis.

3) Os serviços de lazer (F2) destacam-se, fundamentalmente, na S. Amaro em proporção de trabs e na Atlântica em trabs e estabs.

4) Tanto os serviços religiosos (J2) quanto ao jurídicos (I2) não encontram muita correspondência quantitativa com o tipo de zona terciária a qual pertence determinado trecho.

Em resumo, este é o quadro geral de distribuição dos subagrupamentos, especificamente enquadrados como Serviços. Voltemos agora nossa atenção para dois outros terciários, que ora são comércio ora serviços, mas possuem cada qual características peculiares que os individualizaram: os mistos (C + S) e os informais.

C) Os estabelecimentos mistos de Comércio e Serviços, e os Declaradamente Informais

Separamos estes dois estabelecimentos em agrupamentos distintos para auferirmos características diferentes que se incorporam na organização do terciário regional. Com algum esforço a mais, também poderíamos enquadrar esses estabelecimentos entre os ramos de Comércio e Serviços. Entretanto aí cometeríamos a falta de não tornar evidente, pelo menos, uma parcela daqueles trabalhadores que se agrupam na chamada "marginalidade" do mercado, e ao mesmo tempo, deslocar para o comércio vários ativos das classes de serviços e vice-versa.

Obviamente a preocupação que circulou em torno dos estabs mistos, não atingia aqueles relacionados como contendo dois ou mais tipos de serviços (por exemplo) diferentes. E, nesse caso, "diferentes" vem a ser os estabelecimentos que não pertencem ao mesmo agrupamento: como quando encontramos (H2) e (I2) na mesma firma ou comércio de móveis (a1) misturado com de confecções (g1). Na contagem da tabulação, estes acabaram sendo enquadrados no subagrupamento /outros (1 e 2)/.

Passemos então a verificar a expressão quantitativa dos estabs (assim como de seus trabalhadores) mistos, cuja proporção, em termos gerais é pequena, sem deixar de ser considerável.

Na somatória final, temos um montante de 1154, pessoas trabalhando em casas de comércio + serviço (próximos a 6% do total), sendo que são 84 os estabs relacionados neste ramo, entre os 1661 que encontramos (ou 5%). Poucos são os que não foram cadastrados; exatamente 5 desta cota de 84. Com estes valores, vemos que existe um equilíbrio de proporções na razão T/E, resultante da soma dos trechos. Porém nestes (individualmente) o mesmo não ocorre. Vejamos porque:

Na maioria dos trechos, a proporção de ativos geralmente é menor que a de estabelecimentos; e isto se deve ao fato de que os mistos que estas áreas possuem, são lojas de fotografia, ótica e relojoaria. Ou seja, estabelecimentos que aparecem com razoável frequência e que geralmente empregam poucos trabalhadores, quando não são familiares ou individuais.

Porém, na zona terciária mista do L13 há uma mudança radical neste comportamento, não porque se altere a característica de ocupação dos estabs mencionados acima, mas pelo aparecimento de outros mistos cuja organização é muito concentradora: é o caso das concessionárias de automóveis que são ao mesmo tempo lojas, oficinas e escritórios. Ainda que o trecho contenha mistos como relojoaria e fotografia em número considerável, são aqueles estabelecimentos que elevam a razão proporcional T/E para 14/6% dos totais. Portanto, mesmo entre os mistos não se consolida um comportamento verdadeiramente homogêneo na Região.

E quanto aos informais? Quais as suas características de distribuição no espaço amostral? Inicialmente dois aspectos são marcantes: 1º que mais de 85% destes estabelecimentos são atividades comerciais exercidas no meio de calçadas e direcionadas a um "mercado de transeuntes", que resulta principalmente dos Pólos terciários; 2º que pela configuração de ilegalidade (muitas vezes) e pelo seu baixo rendimento (ligado ao fato de ser uma atividade de subsistência) a proporção de estabs sempre é maior que a de trabalhadores na contagem total.

Assim temos apenas 1% de trabalhadores declaradamente informais, em 8% (131 ao todo) de estabs frente ao total geral que por nós fora computado. Entre os trechos não existe aqui considerável alteração desse comportamento, a não ser a verificação de que, em vários deles, essa razão 1/8 diminua, porém não se iguala e muito menos se inverte. Numericamente a maior expressão dos informais está sem dúvida na área do L13, seguida de muito longe pela CUPE-CÊ. Nela, encontramos 110 trabalhadores dos 193 cadastrados em 84 estabs (nenhum estava fechado). E a causa fundamental disto é a centralidade dos fluxos de pessoas.

É evidente que o peso do trabalho informal na região não pode ser traduzido apenas por esses valores. Primeiro, porque, mesmo nos estabelecimentos cadastrados, é provável que o contingente de ativos que deles vivem seja um pouco maior (o que é revelado, pode estar minorizado do real, por motivo de desconfiança). Segundo, que não investigamos pormenorizadamente o trabalho artesanal e doméstico nas residências, ou porque apenas as relacionamos, ou pelo fato de não termos atingido zonas residenciais, que em termos de extensão, são sempre maiores, seja qual for a região. Em terceiro, porque não tocamos no trabalho temporário do comércio e serviços, o qual pode estar diluído em parte, mas também ausentes dos 20351 ativos que cadastramos (incluindo as Indústrias). Por isso, destacamos esses valores dos estabelecimentos in-

Fig. 01 PARTICIPAÇÃO DOS TRECHOS CADASTRADOS NO TOTAL DOS RAMOS DE COMÉRCIO DA REGIONAL, SEGUNDO O NÚMERO DE TRABALHADORES E DE ESTABELECIMENTOS

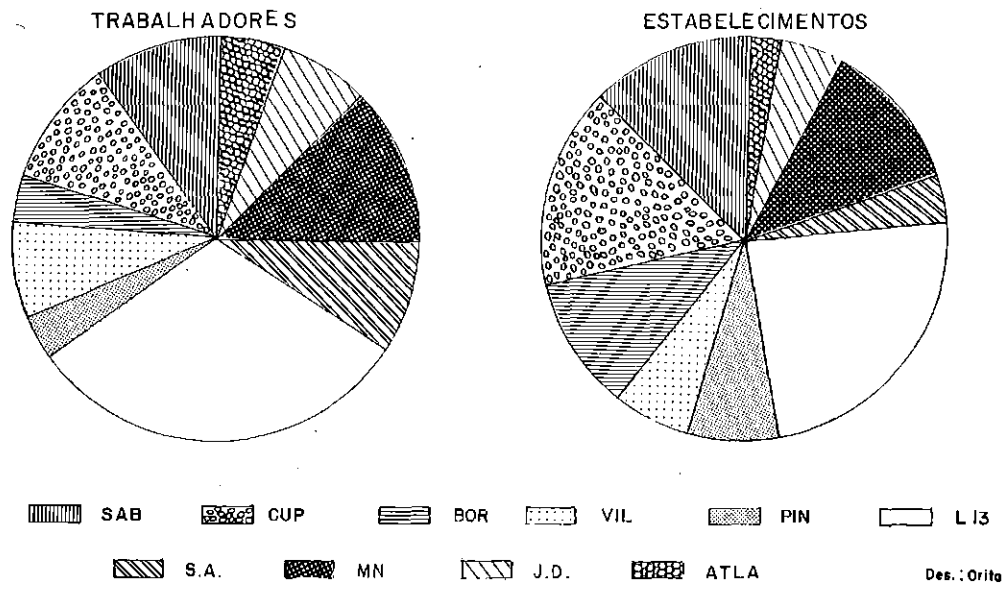
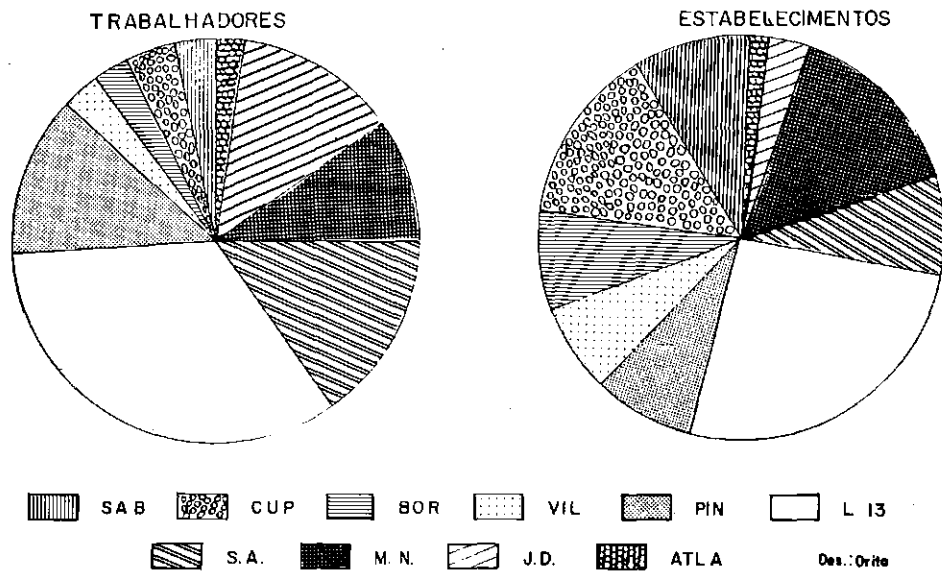


Fig. 02 PARTICIPAÇÃO DOS TRECHOS CADASTRADOS NO TOTAL DOS RAMOS DE SERVIÇOS DA REGIONAL SEGUNDO O NÚMERO DE TRABALHADORES E ESTABELECIMENTOS



formais, não para conhecê-los universalmente ou compará-los mas para chamar ao debate sua representação, que não pode estar limitada a um cadastramento deste tipo.

D) As indústrias da região

As informações do cadastramento industrial tiveram um tratamento mais específico dos dados, porque nosso interesse sobre ele estava direcionado a conhecer a representação das atividades terciárias, internalizadas no secundário da Regional. Para isto, verifiquemos primeiro o que acontece nos dez trechos de vias que acima estudamos estruturalmente, e depois, vamos nos ter à distribuição encontrada na zona industrial de JURUBATUBA.

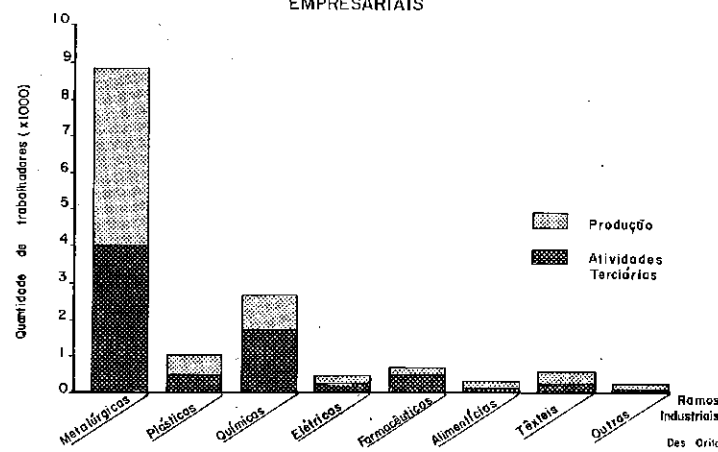
Nos trechos terciários, relacionamos 18 indústrias e cadastramos um total de 3403 trabalhadores (2203 na produção direta e 1200 em atividades terciárias). Temos portanto, um montante de 35% de trabalhadores classificados como industriais, que na verdade, em seu exercício profissional, prestam serviços, e materialmente não produzem. No SABARÁ, CUPECÉ, S. AMARO, E ATLÂNTICA estes estabs são nulos ou irrisórios (de certa maneira eles se externalizam da zona de pólos industriais, à excessão de S. AMARO). As vias que mais apresentaram estabelecimentos e mão-de-obra são: PIN (com 6 estabelecimentos e quase a metade de seus trabalhadores sendo produtores diretos) e J. DINIZ (com 4 estabs e um baixo número de terciários em relação aos da produção). Temos que considerar, também, que nas indústrias foram cadastrados ativos que não trabalham dentro delas mas estão apenas locados profissionalmente ali. Finalmente, o que pode reforçar essa distribuição industrial é o zoenamento urbano institucionalizado muitas vezes para regularizar assentamentos que antecederam à terciarização.

No JURUBATUBA, concretamente uma amostra significativa da zona industrial da região (que dizem possuir o 3º pólo industrial da metrópole) as atividades terciárias ultrapassam os 50% do total de trabalhadores nesses 1800 m. Precisamente, temos 7230 ativos na produção e 7295 nas atividades terciárias, em 14525 trabalhadores das 21 indústrias cadastradas (2 estavam fechadas). O aparecimento de 7 estabs de porte considerável pertencentes ao Setor Terciário, eleva para 7809 os trabalhadores da prestação de serviços e os estabs para 28 com 3 fechados.

Entretanto na medida em que destrinchamos os tipos de indústrias, verificamos que as mais encontradas são as metalúrgicas e plásticas (somando 11 estabs). E proporcionalmente as que mais empregam terciários são as químicas e as farmacêuticas, que juntas, em 4 firmas, possuem 68% (aproximadamente) de seus ativos na prestação de serviços. Mais detalhadamente tomaremos estes dados na análise espacial.

Fica assim destacada a importância indiscutível do contingente de terciários no interior das indústrias da região, independentemente da zona em que o trecho cadastrado se encontra.

Fig. 03
QUANTIDADE DE INDUSTRIÁRIOS EM JURUBATUBA SEGUNDO OS RAMOS
EMPRESARIAIS



ANALISE ESPACIAL

Verificaremos agora, através da amostra levantada, o comportamento diretamente geográfico, que caracteriza o mercado e a divisão do trabalho na região de S. AMARO. Para alcançarmos tal objetivo, foi elaborada uma distinção classificatória básica, resultante em quatro tipos de zonas representadas pela estrutura do trecho cadastrado. Essa análise estrutural, pode ser encontrada em meio aos comentários já feitos sobre os ramos, porém sem justificativa alguma sobre a formulação. Aqui, portanto, antes de abordarmos espacialmente este cadastramento, apresentaremos como e porquê particularizamos desta forma o espaço em questão.

Como dissemos, na redação dos critérios para esta fase do trabalho de campo, a seleção dos trechos procurou respeitar equilibradamente as desigualdades da divisão do trabalho regional (onde amplamente está contida uma representação daquilo que ocorre no todo metropolitano). Assim fundamentamos o porquê de existirem estas zonas: a caracterização do local que representa sua área de polarização, sua estrutura interna, o potencial de atendimento, e outros aspectos menos relevantes acabam por distinguir e possibilitar o reagrupamento dos 11 trechos nas seguintes zonas, de acordo com o tipo de terciário mais expressivo:

- A) Zona de Terciário Periférico: SABARÁ, CUPECÊ, BORORÉ, VILELA.
- B) Zona de Terciário Misto: PINEDO, L13.
- C) Zona de Terciário Central: S. AMARO, MORUMBI-NABUCO, J. DINIZ, ATLÂNTICA.
- D) Zona de Terciário Industrial: JURUBATUBA.

Estas denominações porém, estão ligadas, não a uma característica intrínseca do Setor de Atividades Terciárias nos trechos, mas a correspondências das fases do processo de Terciarização que é desenvolvido neles. **Periférico**, no caso, tem significado extensivo, não especializado (não parcelado) voltado às camadas de baixa renda. **Central**, inversamente se contrapõe ao periférico. **Misto** congloera de maneira destacada, pelo menos duas das demais classificações. Por exemplo: PINEDO expressa um terciário periférico e industrial, ao passo que o L13 é Periférico e Central. Essa expressão de um certo Terciário não redundava numa exclusividade, mas num traço qualitativo (e numérico também) para o trecho.

Agora poderemos passar à análise espacial, dividindo os itens por intermédio destas zonas, com a finalidade de detalhar os principais resultados.

A) Zona de Terciário Periférico

Os trechos que cadastramos dentro desta zona, conforme o esperado representam Pólos Terciários, de configuração linear, ou seja, afora aquela extensão da avenida, a área em torno não possui um terciário considerável. Em termos gerais, o que caracteriza esta zona é: 1) o predomínio do contingente de trabalhadores do Comércio sobre os de Serviços; 2) um volume elevado de estabelecimentos "mistos", se comparados aos trechos de Terciário "central" (evidência da fraca especialização); 3) um irrisório peso das atividades industriais de serviços, dado o pouco contingente de Indústrias; 4) a estrutura extensiva do crescimento de seu terciário, causando uma tendência geral à dispersão de trabs, na medida em que comparativamente às outras zonas, encontramos um valor menor na razão proporcional T/E.

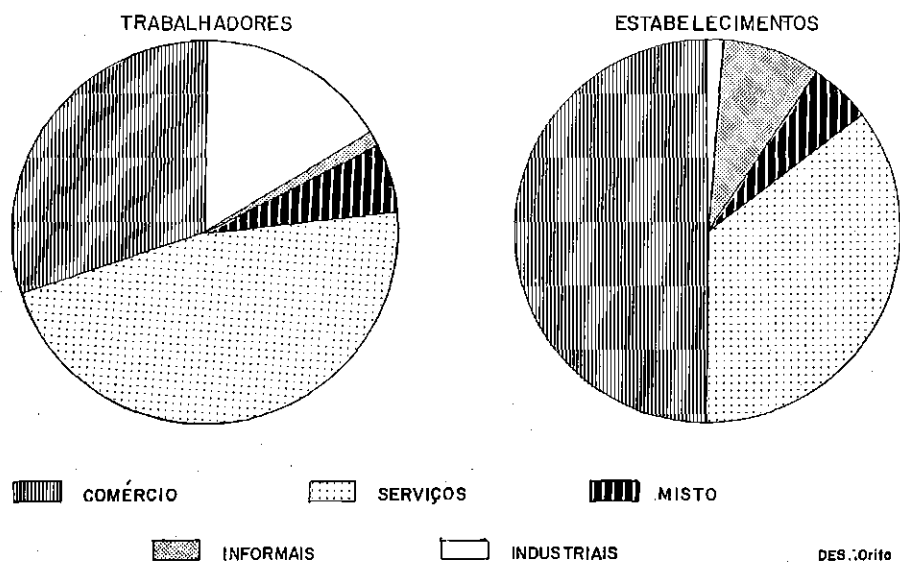
Separadamente, tomemos os trechos que compõe esta zona, em seus valores relativos. Quanto aos trabs, o SAB tem 65% de um total de 950 indivíduos empregados no Comércio, destacando-se aí peso do agrupamento (e1) além da classe /outros 1/ (pelo comércio de alimentos básicos) e da (g1). Os bancos, apenas com 9% do total, revelam-se entre os trabs dos Serviços, os quais somam 30% do total do trecho. No CUP o comportamento é semelhante, sendo que o destaque no Comércio são as lojas de materiais para construção (h1), enquanto a classe (A2) aumenta sua proporção para 24%. O trecho do BOR, que está contido na área de influência da av. Teotônio VILELA, tem ampliado em demasia o seu volume de ativos em /outros 1/ (seguramente, destes, 75% estão em bares, padarias e mercadinhos), e destacado o percentual de ocupados em serviços públicos (D2) e de reparação (G2) (lembramos porém que tal trecho tem o menor contingente absoluto de trabs: 267 pessoas). Finalmente nota-se que a VIL apresenta-se mais próximo da distribuição encontrada no SAB do que o vizinho BOR, diferindo, entretanto, também no peso dos (A2) (chegando a 19% do total) e dos trabs industriais, que somam 13% do total de 505 ativos.

Revelando agora o volume de estabs cadastrados, continuamos a perceber o predomínio do Comércio sobre os Serviços, principalmente no BOR (62% contra os 32% do total). No SAB e no CUP, que melhor se equiparam nesses dois principais ramos, o grande destaque situa-se na classe /outros 1/ (respectivamente 26 e 21% do total geral), e na (g1), o que é explicado pela forte demanda local dos bens de consumo não-duráveis (alimentos e vestimentas).

Entre os Serviços, porém, os maiores contingentes de estabs, aparecem nas classes (C2) (7 e 6% respectivamente dos totais) e (G2) (5 e 7%), ambas dispensoras de mão-de-obra, assim como também o agrupamento /outros 2/ (marcados pelos serviços pessoais). No BOR e VIL, as lojas de confecções não são tão expressivas; também os estabs Informais têm percentuais mínimos, respectivamente 2 e 1% dos totais. Mas, por um lado, no BOR o volume daqueles contidos na classe /outros 1/, é ainda maior que o total de todas as casas de serviços. Portanto, a demanda local concentra-se declaradamente no mercado de alimentos. E, por outro o comércio de autos e acessórios (d1) (16% do total), supera o volume de sua (outros 1) (a taxa mais baixa entre os trechos: 12%), e é complementado pelo percentual dos serviços de reparação (G2), no qual se inclui o conserto de veículos. Isto talvez seja explicado por esse trecho conter o local mais polarizante, do principal eixo viário de toda região de Interlagos (a antiga Estrada de Parelheiros). Além disso, o maior equilíbrio entre os estabs de Comércio e Serviços, fica explicado pelo mesmo poder de polarização.

Algumas outras características gerais serão entendidas a partir da comparação entre esta e outras zonas (por exemplo, o irrisório contingente de ativos nos restaurantes e similares (c1) e nos serviços clínicos e hospitalares (B2). Este porém é um dos exercícios que faremos apenas na conclusão desta análise.

Fig.04 PROPORÇÃO DOS RAMOS DE ATIVIDADES NO TOTAL DOS DEZ TRECHOS DE VIAS (EXCLUÍDO JURUBATUBA), SEGUNDO O NÚMERO DE TRABALHADORES E DE ESTABELECIMENTOS



B) Zona de Terciário "Misto"

Devemos aqui levantar as principais características de dois trechos que pela configuração de seu mercado heterogêneo, podem ser considerados como pertencentes a uma área de terciário "misto": o primeiro localiza-se no centro de Socorro, vindo a influenciar diretamente as periferias de Interlagos e Guarapiranga. Equivale em extensão a própria Av. de Pinedo, com um montante de trabs em Serviços 5 vezes maior que aqueles encontrados no Comércio (apesar de existirem mais casas Comerciais); e, além disso, uma densa industrialização, tornando significativa as atividades terciárias no interior das fábricas. O segundo, é a representação do Largo 13 de Maio, marco central da regional de Santo Amaro, que se caracteriza nos seus 1800 m de extensão (compatíveis com o tamanho do Pólo), por uma diversificação terciária, melhor visualizada ainda do que na Av. de Pinedo. Portanto, esses dois trechos, servem de amostra ao principal eixo que referencia, na metrópole, o terciário regional. Analisemos ambos separadamente.

Essa alta concentração de trabs nos Serviços que verificamos no PIN (razão de 48/38% dos totais), principalmente se comparada a proporção do Comércio (razão de 10/44%), deve-se, fundamentalmente, à marcante presença de bancários (31% do total geral) e dos trabs na (D2) (10%). O que então fica manifestado é o tipo de função terciária, especializada nos serviços econômicos (financeiras), sociais (escolas) e de infra-estrutura urbana (ligados ao setor público). Estes, de certa forma, auxiliam no descongestionamento da demanda que flui para o Largo 13, vinda de uma região onde estes serviços são insuficientes (no Guarapiranga, por exemplo, nem existe um Pólo Terciário considerável).

Por outro lado, é simplesmente irrisório o percentual dos comerciários na maioria dos agrupamentos, com exceção à classe dos /outros 1/, devido ao acúmulo de espécies variadas de Comércio. A maior incidência de estabs informais (8% do total), faz novamente reconhecer que estes ligam-se ao fluxo significativo de "possíveis" consumidores, pois a centralidade comercial formal é fraça.

Em estabelecimentos, porém, como dissemos o Comércio supera os Serviços, tanto que as classes /outros (1 e 2)/ chegam a contar respectivamente 27 e 10% do total no trecho. Enquanto que os bancos e serviços públicos atingem apenas 9 e 2%. Novos destaques aí são as lojas (g1) e os serviços (G2), confirmando certa proximidade geral com os trechos de terciário "periférico". Finalmente vemos as indústrias perfazendo 5% dos estabs e 41% dos trabs, de onde, num total absoluto de 1114 ativos, 577 (mais da metade) prestam serviços diversos. Acreditamos que essa força industrial do trecho, esteja ligada a proximidade do Parque Fabril, que se orienta pela Av. Nações Unidas.

No Largo 13, entretanto, as mudanças na distribuição estrutural, passa pela função única que esta área ocupa: a de Pólo regional, cuja influência extrapolada Santo Amaro (atingindo Campo Limpo, Itapeverica, Embu-Guaçu, Diadema e todo o distrito de Parelheiros). Os totais de trabs e estabs, comparados ao trecho de PIN, asseguram esta importância: no L13, 6822 trabs estão cadastrados em 396 estabs, enquanto que em PIN, são 2677 num total de 118 estabs; se considerarmos a forte industrialização do segundo, o L13, apesar de sua extensão dobrada, triplica seu volume de mercado terciário.

A diversidade maior na distribuição desse trecho, acreditamos que deva ser consequência da própria distribuição regional, comentada acima. Assim observamos a grande presença dos trabs (A2) e (D2), agora mais equilibrada com o montante dos empregados em serviços clínicos e hospitalares privados (respectivamente 15, 13, 10% do total geral); e, à distância, o aumento considerável dos que se ocupam na classe (E2) (3% do total, em 3 dos 8 estabs relacionados).

Já no comércio, amplia-se notadamente o percentual dos trabs e estabs da classe (g1), trazendo uma razão T/E da ordem de 10/15%. Os agrupamentos de móveis (a1) e /outros 1/ são os destaques seguintes, nas razões 4/7% e 7/13% respectivamente, apontando uma contínua tendência a dispersão (o que fica reforçado pela insignificante presença de lojas de departamento, extraordinariamente, neste trecho).

Enfim, é nesse aspecto que o Comércio contrasta e muito com os Serviços; tanto assim, que os informais e mistos (C + S), somente neste trecho, comportam-se de maneira antagônica. No ramo de Mistos, geralmente marcado por pequenas e médias lojas de fotografia, cine, ótica, etc, há aqui paralelamente o peso das concessionárias e grandes oficinas. Com isto, sua caracterização é declaradamente concentradora de mão-de-obra (14/6% dos totais). Nos informais, inversamente, a dispersão de mão-de-obra se esclarece, na medida em que mais de 95% desses terciários equivalem a um "comércio de barracas", ativando 1 ou 2 trabs. Por isto, no trecho em que mais prolifera a atividade informal (desse tipo), 2% de trabs apenas, são os ativos, que distribuem-se em 18% do total de estabs aqui existentes.

As Indústrias, no L13, não apresentam grande montante de pessoas ocupadas; muito menos de estabs. Mesmo assim, as atividades terciárias conseguem somar, em seu interior, num total de 673 trabs industriais, 321 ativos (notavelmente aproximando-se dos 50%).

C) Zona de Terciário Central e Especializado

Esta terceira zona de análise, constitui-se de um conjunto de 4 trechos, cuja heterogeneidade pode ser resumida da seguinte maneira: a) S. A. e J. D.: trechos que não equivalem a Pólos Terciários, dado que possuem um Comércio difuso; b) M-N: único Pólo Terciário cadastrado nesta zona, cujo atendimento, ao menos a princípio, está voltado para as camadas de maior poder aquisitivo; c) ATLA: Geograficamente localizado na periferia, mas contendo um terciário extremamente especializado no mercado de lazer. Contudo, afora essas peculiaridades, podemos compor tais trechos na mesma categoria de Terciário "central", pela posse de algumas características generalizantes. A tendência ao aparecimento, em maior número, de serviços concentradores de mão-de-obra; a especialização marcante do Comércio, cuja clareza, não é possível de ser evidenciada quantitativamente apenas; uma insignificância no volume geral de trabs nos estabs mistos (por causa da especialização) e informais (pela baixa intensidade dos fluxos); o direcionamento do mercado às camadas sociais mais privilegiadas financeiramente, o que não encontramos, nem nos trechos de Terciário "periférico", nem nos de Terciário "mistos".

Detalhem, agora individualmente, a análise dos trechos, tentando o alcance de algumas comparações quando estas se mostrarem significativas. Na S. A., a mão-de-obra comercial é extremamente concentrada nas classes (e1) (14% do total de 1993 trabs) e (c1) com 8% desse total. Afora estes, uma pequena parcela esta empregada na (outros 1), que pela razão T/E, em 4/18% do total, comporta o principal "reduto" dispersor de mão-de-obra do trecho.

Com estes valores, a irrelevância de outros montantes, que por demais destacavam-se em outras zonas, esse trecho explica, de certa maneira, a que camada social está servindo e seu importante grau de especialização. Os servidores também encontram-se extremamente concentrados, nos escritórios (H2) (totalizando quase a metade de todos os setores ativos) e nos serviços de lazer (F2), com 10% do total. O contingente considerável de clínicas (B2) e cursos (E2) ambos com 10% do total de estabs, acabam por reiterar nos Serviços o que já havíamos dito para o Comércio, respeitada as devidas proporções. Nesse trecho, porém os outros três ramos, totalizam 6% dos estabs, juntamente com uma força de trabalho, cuja insignificância não deve conduzi-los a concentrarem 2% do total.

Semelhantemente comporta-se o trecho J. D., na medida em que concentra os comerciários em especializações, cuja diferença restringe-se ao ramo assim como a dos servidores: os primeiros empregam-se, em maioria, apenas nos restaurantes e similares (c1) com 7% do total, seguidos pela classe dos (outros 1) 3%, (a1) 2% e (d1) 2%, todos sobre uma somatória de 2759 trabalhadores. As lojas de departamentos inexistem no trecho. Os segundos destacam-se nos escritórios (H2) com 13%, mas principalmente na classe (B2), que são os mais concentradores entre os Serviços do local (razão de 23/3% dos totais). É exatamente este aspecto relativo à concentração/dispersão, utilizado novamente para antagonizar a estrutura do Comércio (16/64% dos totais) da dos Serviços (44/31%), já que seus valores comprovam tal diferenciação.

Uma outra significativa desigualdade da J. D. para a S. A., é a intensidade de seu volume industrial. Em 6 empresas estão concentrados 40% de todos os ativos, porém, com um baixo percentual de terciários (113 em 1123 empregados). Isto justifica-se, provavelmente, porque algum fator histórico deva ter mantido a maior parte de sua mão-de-obra na produção (a menos que as informações obtidas estejam longe da realidade). De qualquer maneira, isto não altera sua classificação como pertencente à zona de terciário "central" pois continuam sendo as peculiaridades do Setor Terciário que mais se destacam no trecho em questão.

Já no M-N alteram-se as condições do Comércio, considerando que a distribuição de seus trabs e estabs aparece de forma mais equitativa; e o agrupamento /outros 1/ volta a perfazer as maiores somas (10% do total de trabs e 16% das lojas). Os destaques ficam para as classes /e1/ e /g1/ em volume de ativos (respectivamente 8 e 6%); e, para esses últimos também, o montante de lojas (12% do total). Tudo isso, no geral, vem caracterizar a denominação de Pólo Terciário (que não é o caso dos trechos anteriormente analisados nesta zona).

Os Serviços na M-N, tornam a concentrar-se na classe (A2), em termos de mão-de-obra (ocupando 29%, quando todos os Serviços são 46% do total), e depois entre os cursos particulares (E2) (8%). Contudo, são os escritórios de firmas (H2), em número de estabs, que se destacam, totalizando 11% do total, sendo que 42% das casas são especificamente de Serviços. Os "mistos" voltam novamente a aumentar em estabs sua participação, mas não na mão-de-obra, o que é próprio de sua ocorrência nos Pólos (com excessão do L13). Já os informais, permanecem fracos, pois o fluxo de pessoas, sendo geralmente baixo, limita as condições de sua manutenção, mesmo porque veêm-se prejudicados pelo alto nível do poder aquisitivo dos consumidores.

A única indústria presente é uma farmacêutica, que mantém a participação média de terciários no total de trabs (aproximadamente 46% dos 352 industriários, em 2215 ativos totais).

Por último, temos o trecho especializado no terciário de lazer, que corresponde a 900 m da antiga Av. Atlântica. Numa volumosa soma de Comércio e Serviços Irrisórios (além dos "mistos" e industriários), podemos detalhar o universo percentual de todos os agrupamentos que participam da estrutura desse trecho.

Entre o comércio (49%/43% dos totais), 154 ativos trabalham em 9 estabs da classe /c1/, 15 em uma lanchonete /outros 1/, e mais duas casas comerciais encontravam-se fechadas. Nos Serviços, com a razão de 48/39% dos totais, os contingentes distribuem-se em três agrupamentos: Clínicas (B2) 9/4% dos totais, serviços públicos (D2) 14/4% (ambos somando apenas 2 estabs em número absoluto) e serviços de diversão e lazer 25/32%. Os informais aproveitam este mesmo consumo de lazer, para arrebatarem, no trecho, seu pequeno espaço de mercado (3/18% dos totais). Essa caracterização específica, fundamenta-se pelo fato da represa de Guarapiranga (a margem da qual assenta-se esta avenida) constituir-se como um ponto turístico regional e metropolitano, que valoriza os bairros limítrofes e influencia o direcionamento do mercado às camadas sociais mais elevadas, e não as que habitam a periferia próxima.

D) Zona de Terciário Industrial

(OBS: Na análise das indústrias da Região, fizemos vários comentários, que serão aqui repetidos, para melhor interpretação desta zona).

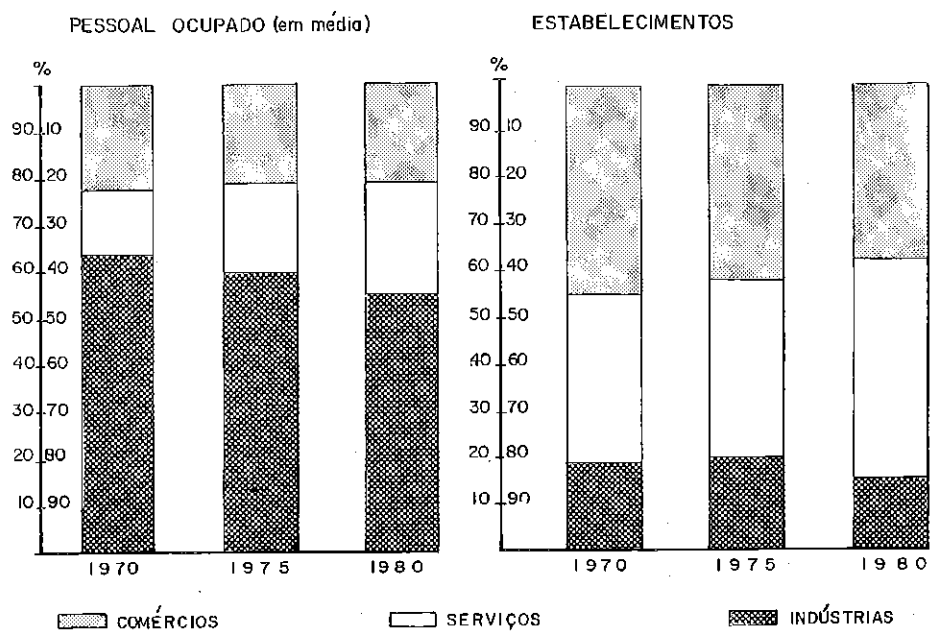
Ao trecho que representa a concentração industrial, chamamos de Juruatuba, por equivaler à parte da Av. Nações Unidas que margeia este canal. Entre os 1800 m de cadastramento, encontramos 23 indústrias (2 das quais fechadas) e 8 estabs do Setor Terciário (escritórios de serviços e comércio). Para compreendermos melhor as diferenciações de percentuais entre o setor de execução material e o de serviços, utilizamo-nos de uma tradicional classificação dos tipos industriários; ligando, através dela, os valores desses 2 setores com a classe de mercadorias produzidas.

Ao computarmos o total dos valores industriários, encontramos 14525 ativos no Setor Secundário, sendo que a produção (estritamente material) conta com 49,77% destes, e os trabs nos serviços, com 50,22%. Entretanto, pelos dados, fica patente que, nas classes industriárias encontradas (Metalúrgicas, Plásticas, Químicas, Elétricas, Farmacêuticas, Alimentícias, Têxteis e outras) não existe equilíbrio entre as atividades materiais e imateriais.

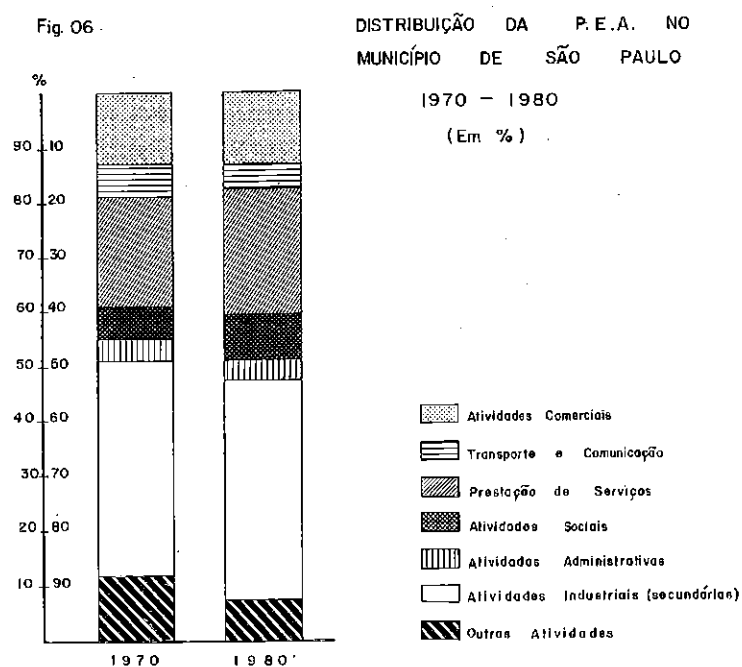
Algumas classes tendem as atividades terciárias para menos 50%. Uma bem menos, como é o caso das têxteis (estando em cerca de 35%); outras nem tanto, como nas metalúrgicas, em torno de 46% (veja que isto não depende do contingente absoluto de trabalhadores dessa classe - 512 nas têxteis e 8809 nas metalúrgicas). Outras, ao contrário, elevam o percentual de tais atividades, bem acima desses 50%. E, neste caso, os exemplos restringem-se às químicas e farmacêuticas (respectivamente 67% e 71%). Afora estes dados internos às indústrias, o trecho ainda conta com estabs Terciários, aumentando a soma de ativos para 7809 trabs imateriais, num total de 15059, isto é, 52% desse total.

Fig. 05

EVOLUÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS NO MUNICÍPIO DE
SÃO PAULO 1970 - 1980



A que se deve esta surpreendente manifestação, absoluta e relativa, do peso dos prestadores de serviços, numa amostra do Parque Industrial da Região? Primeiro, ao fato de que a surpresa advem de formas errôneas com as quais se trabalha o universo real das atividades terciárias, a nível censitário, nos estudos de mercado, nas classificações técnicas, e até no discursos políticos e sindicais. Em segundo lugar, a um certo "esquecimento" de que esse volume não é uma peculiaridade da amostra; através dos outros trechos, podemos afirmar que este comportamento destacado do terciário, ainda que diferencialmente, dá-se numa constante. Portanto, perante o quadro, o que devemos fazer é indagar, e com menos "exclamações", ao que se justifica essa diferenciação. É provável que ela esteja ligada à "modernizações tecnológicas" e à estrutura produtiva geral, que determina a organização interna da própria indústria. Assim, uma Farmacêutica e uma Têxtil, tendem a contrastar-se Técnica e Historicamente, o que refletir-se-á na organização interna de seu trabalho. Mas não haverá também, na conjuntura da ordem sócio-econômica onde elas localizam-se, uma outra determinante?



Fonte: F.IGGE

Des.Ortiz

CONCLUINDO A ANÁLISE DA TABULAÇÃO

Breve fechamento do que fora anteriormente exposto e levantamento de sugestões para uma consulta em forma de entrevista

Não pretendemos aqui destacar conclusões isoladas, que mantêm a individualização relativa dos tópicos abordados na análise (comércio, indústria, zona de terciário misto, etc.). Ao contrário, entendemos que esta conclusão deve caracterizar-se por uma tentativa de sintetizar ao máximo possível os resultados qualitativos da análise regional. Assim, qual é a interpretação global sobre a organização do terciário em Santo Amaro, que conseguimos inferir a partir desse cadastramento?

Inicialmente vemos que, se a diversidade do mercado de trabalho imaterial já era um atributo percebido pela vasta extensão da área de estudo, com a reflexão efetuada conseguimos dar uma lógica à espacialidade dessa diversificação. Através da classificação geográfica em quatro zonas terciárias, chegamos a um entendimento razoável das sensíveis variações, qualitativas e quantitativas, da estrutura do setor Terciário. E por outro lado ainda, fomos realçar a participação crescente das atividades terciárias no Secundário (o Setor Industrial).

A partir disso, perceberemos nos resultados que essa região metropolitana:

1) Na vasta periferia, onde inexistem uma infra-estrutura urbana, suficientemente capaz de atender as demandas de consumo e trabalho da população (caso das áreas de Cupecê, Pedreira, Guarapiranga, Interlagos e Parelheiros), o setor Terciário se concentra em alguns pólos estratégicos (ao consumo) e desenvolve Comércios e Serviços não "modernizados", e com uma expressividade maior naqueles que absorvem pouca mão-de-obra (os quais chamamos de dispersores);

2) Nas áreas de ocupação mais antigas, onde estão erguidos os tradicionais centros terciários bem diversificados (as "zonas mistas") a dispersão e a concentração de mão-de-obra convivem num relativo pé de igualdade, tanto nos Serviços quanto no Comércio (ainda que nestes os trechos não tenham deixado boas provas numéricas). Desse equilíbrio aparente, (como vimos nas análises em torno do Largo 13), que resulta do potencial de centralidade, detectamos a mescla da transição periferia/centro na divisão do trabalho metropolitano, a partir da coabitação de mercado para trabalhadores tão diferentes, por exemplo: bancários e marreteiros (nesta área com inconfundível expressão);

3) E, no espaço equivalente a parcela do centro metropolitano, principalmente o de ocupação mais contemporânea, encontramos uma concentração relevante da mão-de-obra (em maior parte nos Serviços), em paridade com o incomparável grau de especialização qualitativa dos trabs terciários. Ressalvamos, porém, que essa especialização da qual falamos, não se reveste de homogeneidade na formação profissional, e nem é exclusiva da mão-de-obra, na medida em que divide mesmo as atividades anteriormente encontradas unidas.

4) E, finalmente, que o terciário internalizado ao secundário, mesmo com limites da amostragem, pode vanguardar de forma segura, um estudo mais amplo sobre o processo de Terciarização, dado que seu peso na área de Juruatuba, por um lado provou sua importância entre os ativos industriais; por outro, indicou uma integração direta entre eles e os serviços econômicos do Setor Imaterial. O arranjo de trechos como PIN, ou a localização no específico do zoneamento urbano, das avs. classificadas como detentoras de um terciário "central" (Santo Amaro e José Diniz), reforçam essa idéia de integração no comportamento de diferentes trabalhos terciários.

Concluimos também, a nível mais estrutural, que dos ramos do Setor Terciário, são os Serviços, enquanto detentores de uma considerável soma de diversificações numéricas e qualitativas, os que melhor podem servir de base empírica para as teorizações a respeito da Terciarização regionalmente aferida. Não negligenciamos com isto, o valor da verificação da divisão do trabalho no Comércio, estabs "Mistos" ou "Informais". Obviamente, sem estes o terciário não pode ser entendido. Dizemos, apenas, que são os Serviços por suas peculiaridades apresentadas no decorrer do cadastramento, o único ramo (comparativamente) que consegue, por si só, conter o mais vasto número de características relevantes do Processo de Terciarização do Espaço Metropolitano. Como, por exemplo, as tendências a "concentração-central" e a dispersão-periférica" de trabalhadores; a especialização da produção, de acordo com a clientela; o parcelamento do processo produtivo, internalizada em certos estabs mas completamente ausente de outros (vide as profissões liberais); a criação de "novos produtos", quando se vêem instalados dentro do Setor Secundário; para destacarmos as fundamentais. No quadro regional, que nos possibilitou visualizar

assim este ramo, fomos encontrar os outros numa dependência exagerada da centralidade oferecida pelos Pólos, e com uma resistência prática para a execução de classificações estruturais devidas (o que dificultou a própria compreensão desses terciários dentro da amostragem).

Portanto, através do cadastramento, fomos deparar-nos com uma série de contradições que alteram a dinâmica anteriormente imaginada como pertencente ao processo de Terciarização do trabalho. O resultado das classificações espaciais é a prova maior de que não chegaremos a uma homogeneidade absoluta. As evidências estruturais, por todos os trechos, integrando e chocando uma grande variedade de características do Terciário (em graus diferentes, evidentemente), fundamentam esta afirmação, e descartam a possibilidade de definirmos, numa só expressão, todo Setor em Santo Amaro. Poderíamos pensar que por isso temos na realidade vários "Santos Amaros". Entretanto, eis a aparência em processo de tombamento, desde que em 20 dias cadastramos 12700 m para enriquecer uma essência bem diferente.

Considerando os principais aspectos da **Conclusão** a qual chegamos a respeito do exercício sobre a amostragem das vias, procuraremos agora encaminhar propostas de atividades complementares a um trabalho estatístico como este. Já revelamos a capacidade interna dos Serviços, em concentrar e dispersar mão-de-obra; a centralidade do Comércio e dos declaradamente Informais; a tendência a especialização na DST, na direção Periferia/Centro e o considerável volume da participação de terciários nas Indústrias; poderíamos então buscar a interpretação de determinados fatores que não cabem num exercício de quantificação.

São eles: a organização interna do trabalho terciário, onde sua concentração é mais notável (serviços econômicos, lojas de departamentos, indústrias com ativos em serviços, atingindo seus 50%); o processo de estruturação regional do trabalho informal (declarado ou não); finalmente, a real possibilidade de crescimento histórico da absorção de mão-de-obra terciária, relativamente superior à secundária.

Além de viabilizar a verificação do comportamento desses três fatores, sugerimos os procedimentos abaixo:

A) que sejam, na medida do possível, trabalhados os três fatores em todos os órgãos e estabelecimentos em que forem levantadas as informações.

B) que a seleção desses órgãos e estabelecimentos, quando internos a região, priorize um dos fatores para não ser confundido qual o porquê de sua escolha.

C) que os órgãos externos a serem buscados, estejam também orientados pelos três fatores em conjunto, mas sem a existência de destaques; e sua seleção passe por dois níveis de interesse: o planejamento regional e o planejamento metropolitano do trabalho terciário. Assim deveriam ser contatados membros desses órgãos, os quais trabalharam na confecção dos dois tipos de planejamento.

D) que a entrevista em cada lugar, seja gravada em cassete, e organizada através de uma programação objetiva, elaborada de acordo com o órgão.

A ESTRUTURA METROPOLITANA DA ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SANTO AMARO E A INTERPRETAÇÃO DO PROCESSO DE TERCIARIZAÇÃO EM SUA GEOGRAFIA

Se territorialmente a representação da Administração Regional de Santo Amaro é extensa perante a totalidade do município da capital, o mesmo não poderemos falar da área da "mancha urbana" contida na região. Esclarecemos ainda que, em nosso entendimento, esta última equivale a "área metropolitana" onde o rural não está presente (pois ele faz parte apenas da Região Metropolitana). Contudo, não é por esse motivo que afirmaremos estar trabalhando com apenas uma parcela do espaço no qual nos propomos a realizar um estudo empírico. Ocorre que mesmo sendo a concentração metropolitana em Santo Amaro consideravelmente menor que o tamanho territorial da Região, a sua complexidade Geográfica, Social e Econômica, paralelamente à ampla heterogeneidade consolidada pelo arranjo do capitalismo em São Paulo, foi o que nos permitiu a efetivação do estudo. Sabíamos que os limites dessa amostra metropolitana impossibilitaram qualquer substituição analítica da metrópole como um todo. Mas, por isso, a própria organização da pesquisa, já nos havia encaminhado a solução. O trabalho se faria sobre o processo de terciarização metropolitana, tomando complementarmente a análise espacial da Região, e não o inverso.

Por esta razão, nos capítulos seguintes, pretendemos dar ao estudo desse processo sócio-econômico uma caracterização concretamente espacial, já que agora alicerçados pelo trabalho de campo. Na medida em que teoricamente entendemos a Terciariação do Trabalho Social como um fenômeno constituinte de uma geografia dinamizada pelas contradições do capital monopolista, devemos buscar em Santo Amaro comprovações empíricas dessa interpretação. E, por esta via, tentaremos possibilitar o levantamento de novas hipóteses, caso a análise espacial clarevidencie outros aspectos até então desconhecidos a respeito do processo.

Caracterização Geográfica da Área Metropolitana de Santo Amaro/SP

Ao refletirmos sobre a caracterização desse espaço, consideramos que ele se estabelece como um prolongamento direto do "coração metropolitano" de São Paulo. Isto, apesar de ter um fundo de verdade, não dá conta da generalização do real. Esse dito "prolongamento", além de conter as contradições espaciais de centro e periferia, encontra um assentamento urbano consolidado já anteriormente, o qual será gradualmente incorporado a dinâmica da metropolização de São Paulo. Dessa forma, torna-se relevante interpretarmos a geografia estruturada em Santo Amaro, considerando a existência histórica de um "engolimento urbano" (uma espécie de conurbação de cidades desiguais), regida pela metropolização capitalista, que cuidou de reespecializar organicamente a área em questão.

Baseando-se nessa tese, encontramos justificativa consistente para entender: a) o porquê da continuidade, ao norte da área, de uma urbanização efetuada através de elementos geográficos declaradamente "centrais" (bairros ocupados por camadas sociais mais privilegiadas, fluxos intensos de capital e trabalho, infra-estrutura consolidada e de atendimento supra-local, entre os outros); b) o porquê de um "tradicional" e dinâmico centro terciário, que incompativelmente, polariza toda região (situado a partir do Largo 13 de Maio); c) e a

razão de existência de uma vasta periferia urbana, concentrando majoritariamente camadas sociais menos privilegiadas (além de um terciário difuso), cuja tendência de deslocamentos para os mercados de trabalho, aumentam na direção dos centros regionais e metropolitano. Eis uma generalização da estrutura sócio-espacial de Santo Amaro, constituída em grande parte também pelo desenvolvimento diferencial que se efetuou nos Serviços. Contudo, será no detalhamento dessa estrutura, seguidamente executado, que se deve encontrar aspectos mais precisamente denunciadores de um espaço em terciarização.

Conhecendo o Largo 13 de Maio, como centro maior de consumo de Serviços (em sentido amplo), por vezes nos esquecemos que nele está implantado, ao mesmo tempo, um vasto mercado de trabalho. Este, em termos de terciário, mostra af uma complexidade que vai do comércio mais variado para a população regional, passando por serviços sociais (como grandes hospitais) e econômicos (aglomerados financeiros e escritórios) até os "sem fins lucrativos" ou mesmo os informais de rua. No fundo, todos ali se estabelecem pelo peso de sua centralidade de fluxos (vindo assim a reintensificá-los cada vez mais). A rede viária intra-regional ainda assegura para o Largo 13 uma volumosa convergência de corredores, apesar das várias alternativas de não tê-lo como intermediário da ligação zona central/bairro periférico. Nessa paisagem, o que mais salta aos olhos, é o volume de ônibus por ali passando ou fazendo ponto final, bem superior, se compararmos aos outros que trafegam pela região. (Verificar o trabalho da Secretaria Municipal de Planejamento, subsidiário ao "PLANO DIRETOR" que na análise da Regional discorre sobre esta centralidade).

Quando tentamos descrever o Largo 13, não nos limitamos a trabalhar com a área que envolve a praça da igreja matriz, mas acrescentamos todos os seus arredores: imediações da Av. João Dias, Av. Adolfo Pinheiro, a Estação Ferroviária, o início da Av. Washington Luiz; e porque não, o Largo do Socorro, (cuja distância do Largo 13 de Maio, aqui é irrelevante). Uma primeira orientação para a necessidade deste aumento, encontra-se em nosso trabalho anterior: "As Condições do Mercado de Trabalho no Centro de Santo Amaro". Portanto, o que temos de caracterizador neste "Largo ampliado", não é a predominância qualitativa de um agrupamento de serviços, classificando todo "Pólo Terciário" (subcentro para alguns); mas a multiplicidade de "importâncias" que nos faz enquadrá-lo como um **espaço terciário misto**. Misto, porém de quais "ingredientes"?

Respondemos af, considerando a existência, no local, de vários agrupamentos e estabelecimentos de Serviços, que engendram interna e externamente os seguintes aspectos:

- 1) **Privados, concentradores** de mão-de-obra (os bancos, escolas de graduação, lojas varejistas em geral, grandes mercados, e escritórios centrais).
- 2) **Privados, dispersores** de mão-de-obra (pequenos escritórios, agências, lojas varejistas em geral, consultórios de profissionais liberais, etc.).
- 3) **Públicos** da administração direta ou empresarial (hospital, delegacia, empresas de infra-estrutura urbana, instituições).
- 4) **Informais**, declarados ou omitidos nas empresas legais.

OBS: além do constante aparecimento de estabelecimentos de serviços misturados a atividades comercial, e com concentração das mais variadas (como demonstrou o produto do "Cadastramento").

No Largo 13 de Maio (área ampliada), obviamente que estes terciários não estão sobrepostos indistintamente. Existem localidades (como denominamos sub-áreas do Largo) que despossuem terciários encontrados com frequência em outras. Por exemplo a rede hospitalar nos arredores da Av. Adolfo Pinheiro, não é encontrada nos da Av. João Dias, mas a primeira não comporta uma concentração de móveis e eletro-domésticos como a Alameda Santo Amaro. Por outro lado não afirmamos aqui que os 4 superagrupamentos acima contêm todos os tipos de estabelecimentos possíveis de serem exemplificados no Largo. Daí a importância de situá-lo como espaço "Misto" de várias "classes" de serviços e comércio, sem o predomínio de uma, que fundamentalmente o caracterize. Mas não ocorreria com os Pólos Terciários, como os do Brooklin (R. Joaquim Nabuco e Av. Morumbi) e Campo Grande (Av. Sabará) algo de semelhante, respeitando proporcionalmente o peso dos fluxos?

O que nos sugere a paisagem produzida pela metropolização, na parte santoamarense da mancha urbana paulistana, e o próprio percentual dos serviços que compõem os agrupamentos dos Pólos analisados, é uma representação clara de como a relação dialética centro/periferia produz o espaço de influência do Pólo Terciário. As desigualdades de âmbito de mercado entre o Largo 13, o Brooklin e Campo Grande, estão expressas, não só no volume de consumidores que polarizam, mas também e principalmente na qualificação do capital que movimentam, por causa deste consumo e pelo nível de diversificação da mão-de-obra que empregam.

Por esta razão, a combinação do "estrutural" com o "geográfico" garante-nos uma análise mais adequada para o estudo do processo em questão. Assim, podemos explorar certos elementos dispostos espacialmente, que impossibilitam confundirmos a geografia do Brooklin com a organização das áreas periféricas, nas quais acentam-se Pólos Locais, como o de Campo Grande. No mesmo raciocínio fundamentar-se-ão diferenciações perante o Largo 13, as quais ultrapassam a mera redução de escala.

Vejamos o que podemos chamar de "central" na região. De início, precisamos distinguir o central/regional - que em parte assemelha-se com a estrutura revelada no Largo, principalmente - do central/metropolitano. Neste último o terciário mais compactamente marcante, seria aquele ligado a uma atividade empresarial (seja direta ou indiretamente). Assim integram-se nesta área: Parques Industriais (Rio Pinheiros-Jurubatuba, exemplo maior) e grandes eixos de concentração escriturária, além de organismos que prestam serviços a toda São Paulo (Av. L. C. Berrini, Centro Empresarial, Aeroporto de Congonhas). Por outro lado, o "central" para a região, tende a uma maior diversidade. E é deste o tipo que aparece no Largo 13 com frequência, mais raramente nos Pólos da Periferia. No Brooklin e arredores, temos o comércio mais variado em especializações, proporcionalmente a seu tamanho (ainda que aí tenhamos um fluxo majoritariamente de passagem para o centro de São Paulo). Trechos das Avs. Santo Amaro, J. Diniz, W. Luiz e Morumbi (para citar as mais destacadas) situam serviços de lazer, clínicas, escolas diversas, e escritórios de *n* atividades, assim como grandes supermercados e lojas, que apenas aparentemente atendem a demanda exclusiva dos residentes e das empresas próximas. Mas é novamente aí que as "Diretrizes do PDDI - Santo Amaro 1977" da SEMPLA nos auxiliam a enquadrá-los como detentores de estabelecimentos **centrais**, em maior destaque que os **locais**; os fluxos de consumidores e trabalhadores funcionam como um medidor ideal.

Por outro lado, observamos nesta área, referida como "central", o assentamento de indústrias leves e de porte médio, considerando o zoneamento urbano que permite a consolidação dessa atividade fora do Parque Industrial da Marginal do Pinheiros. Essa presença industrial, contudo não trai o reconhecimento "central" desta área. Primeiro, porque ela antecede, na maior parte das vezes o avanço metropolitano sobre a Regional (algumas são têxteis, alimentícias ou químicas, bem antigas). Segundo, que a própria atividade industrial raramente incorpora um terciário "aracafo"; e se fosse o caso de agruparmos aqui o corredor da Marginal Pinheiros, não duvidaríamos em tomá-lo como "central". O que vale frisar, a partir desta observação, é que a indústria auxilia a centralidade regional e metropolitana desta área, apesar de sua tendência mais contemporânea de se desenvolver em áreas especiais da periferia geográfica.

O zoneamento urbano, como está representado na carta oficial do município, vem, além disso, contribuir para uma série de objeções frente a pretensa rigidez na separação entre um "norte-central" e um "sul-periférico". Isto não permitiria trabalhar com a realidade de que a periferia geográfica (o que fica além da zona mista do Largo 13), contém serviços especializados de âmbito supra-local, caracterizados de um terciário "central". Certamente, o que de mais regional (e as vezes até metropolitano) encontramos nesta periferia são as atividades de lazer, ligadas ao fato da região tê-las desenvolvido em relação as duas represas (restaurantes, clubes, parques). É patente que a Av. Atlântica não esteja direcionada para um mercado local, embora, por extensão, também sirva aos bairros limítrofes. Mas outros serviços de amplitude podem ser destacados em estabelecimentos muito específicos, como por exemplo as faculdades OSEC (de nível macro-regional) e o Autódromo de Interlagos (metropolitano).

Apesar dessa observação, torna-se indiscutível que, basicamente a sul e a sudeste do Largo 13 de Maio, encontraremos uma área majoritariamente marcada pela insuficiência da "aparelhagem" urbana, na qual também é deficitária a prestação de serviços. De forma mais violenta, essa realidade fica residencialmente caracterizada por "bolsões" de pobreza, que se sucedem nos bairros marginais das Avs. Teotônio Vilela, Cupecê, Sabará, Interlagos e Frederico R. Jaegher, Y. Kissajkiam, Belmira Marin e outras menores, internas à região. Aí também convivem outras camadas sociais (mais elevadas), que acrescidas às primeiras vão proporcionar uma demanda local de bens e serviços, e, em menor grau, de empregos. Esta demanda, no arranjo estrutural que veicula, permite-nos qualificar de "periférico" o terciário aí assentado. Vemos, então, que nos Pólos Terciários dessa periferia, onde trabalhamos o Cadastramento Ocupacional (anteriormente analisado), o comércio de bens de primeira necessidade é volumoso, perante um conjunto de serviços caracterizadamente dispersores, já que voltados a um atendimento local (como no caso). A indústria aí é ocasional, mesmo porque a implantação desta aparece de forma coibida pela Lei de Proteção aos Mananciais das Represas.

Não constatamos, além dessa generalização, uma "homogeneidade periférica". E nesse caso a diversidade articula-se fundamentalmente ao quanto é recente ou antiga a "urbanização" extensiva da área em questão. Assim, não podemos dizer que a estrutura consolidada na Cidade Ademar, Dutra, ou Campo Grande, equivalem a mesma qualidade de ocupação (ainda semi-rural) que encontramos no Grajaú, Eldorado e outros bairros que ladeiam a Teotônio Vilela a partir de V. São José. Existe uma temporalidade desigual também no interior da formação periférica; ocorre que, como fica evidente na área mais central de

Santo Amaro, essa temporalidade não é sobreposta mas sucessivamente extensiva. Daí, utilizarmos o antagonismo dos aspectos "concentração/dispersão" produzido no cadastramento. Eles traduzem-nos um pouco da mesma diferença porcentual que encontramos no binômio centro/periferia. Vale lembrar que na consideração estrutural de cada Pólo que estudamos, também pudemos perceber essa diferenciação de temporalidade, na amplitude de mercado (comparamos apenas os trechos de Cupecê e Bororé).

O que se conclui desses aspectos do terciário, sobre a geografia de Santo Amaro, é que sua diversificação estrutural, não é nem isolada ("cada trecho, uma razão de ser específica") e nem linear ("a periferia como o distanciamento espaço/potencial do centro, e ponto final") como diriam alguns pensadores dualistas. Ela é produto de uma consolidação funcional de ocupações residenciais e produtivas, que ora determinam o processo de desenvolvimento da metrópole, ora dele resulta.

Com esse arranjo de causas e efeitos, perguntaríamos através de que motor específico a divisão capitalista do trabalho mantém tal dinâmica? Seria o processo de terciarização? Da forma que gestamos sua teorização, provavelmente que sim. Ocorre, que essa probabilidade apenas pode ser ampliada, mas não transformada em uma tese, isto porque não chegamos a elementos empíricos suficientemente capazes de fazermos ultrapassar, neste mesmo trabalho, o estágio de sugestão. Cumpre-se ainda, para esta ampliação, examinarmos a historicidade do fenômeno sobre toda "mancha urbana" da regional.

A Inserção de Santo Amaro na Metrópole Paulistana

Pretendemos aqui discutir a relação histórico-geográfica entre São Paulo e o bairro ampliado ("mancha urbana") de Santo Amaro. Ao considerá-la como um fundamental tema que deve anteceder as interpretações sobre o processo de terciarização espacial, asseguramos o entendimento de que o arranjo geográfico interno a Santo Amaro está sendo produzido no e pelo corpo integrado de toda metrópole.

Retomando então rapidamente à consolidação urbana de São Paulo, verificamos que o agente-primeiro para sua configuração atual foi a industrialização maciça sobre um antigo núcleo do capital agro-exportador. São Paulo tinha, na virada do século, uma dimensão urbana mais reduzida ainda que seu presente Centro Expandido ("miolo" da cidade, que administrativamente corresponde à Regional Central da Sé). Estando ainda ladeado por outras cidades e vilas menores, as quais em muitos casos serviam como fornecedores de bens alimentares, dadas as proporções da área rural (Santo Amaro é um notável exemplo).

Nas décadas iniciais do séc.XX, a indústria foi se sobrepondo aos espaços já alcançados pelo centro comercial, e eventualmente implantando novos espaços urbanos (os primeiros bairros industriais, de concentração do operariado). Temporalmente esta industrialização pioneira era mais incentivada quando advinham os períodos de baixa no rendimento do café. Apenas nos meados do século sua geografia industrial seria revolucionada, iniciando-se paralelamente o processo de metropolização da cidade. Internamente, passava a ser redefinido o assentamento dos bairros residenciais, daqueles com funções administrativas e comerciais, e o próprio plano urbanístico, agora, tornava-se extremamente mais complexo e expansivo. Externamente a cidade industrial transformava o papel da rede urbana ao redor, universalizando um espaço regional, que no capitalismo urbano comercial (liberal) era ainda muito desintegrada.

Santo Amaro enquadra-se nessa dinâmica externa como um caso político e administrativamente especial. Até 1935, ele era um município autônomo como São Bernardo do Campo, sendo a partir de então incorporado a São Paulo por motivos mais políticos (seu apoio a Revolução Constitucionalista) que econômicos (melhorias de infra-estrutura em áreas de lazer em potencial). Isto ocorreu através da execução de um decreto, baixado pelo interventor do Estado, na época, Armando de Salles Oliveira (lei 6983 datada de 22/02/1935). A integração urbana a São Paulo terá aí um marco institucional decisivo, ainda que sua intensificação só ocorra 20 anos mais tarde.

Assim, a industrialização moderna irá atingir a região aproveitando-se do corredor viário da Marginal do Pinheiros (isto nos anos cinquenta) Concomitantemente, a área mais consolidada ao sul do atual centro expandido de São Paulo, influenciará marcadamente o loteamento dos bairros de camadas médias do Brooklin, Campo Belo e Aeroporto, também em termos de mercado de trabalho. Somente nos anos sessenta verifica-se o início da dinamização do Centro Regional do Largo 13 de Maio, para sustentar a demanda crescente da periferia - agora em franca expansão demográfica, como mão-de-obra posta a serviço das indústrias e do mercado terciário da região sul em geral. Vemos que em termos de infra-estrutura para a implantação industrial, a rodovia será a principal estimulação para a industrialização em Santo Amaro, continuando uma tendência generalizada em São Paulo. A ferrovia, constituída de um ramal que se ligava aos bairros de Pinheiros, Lapa, etc., serviu apenas como uma alternativa para o transporte de cargas em direção a Baixada Santista, sem proporcionar mudanças na articulação regional. Ainda que o bonde, anteriormente o "tramway", tivesse iniciado a conurbação viária, foram os eixos rodoviários que asseguraram as bases para a metropolização desta regional (Verificar a tese do Prof. J. Langenbarg "A Estruturação da Grande São Paulo").

Há 25 anos atrás, a região não configurava perante São Paulo nem um pólo industrial com tamanho peso (pelo seu atual contingente de metalurgias, químicas e plásticas) nem uma concentração tão caracterizada pelo volume de problemas sociais. Para ilustrá-los citemos a seguinte informação: somente na região, seguindo os dados de "Diagnósticos Gerais das Administrações Regionais do Município - 1983", o crescimento relativo da população foi de 72%, no período de 1973 a 1980, enquanto que o número de barracos, em núcleos e favelas, foi no mesmo período de 589%. Frente a esses dados não se faz necessário (pelo menos aqui) abordar outros detalhes do déficit infra-estrutural que a região contém. Mesmo porque outras defasagens de condições urbanas (e humanas) estão representadas em áreas nos arredores da regional, que participam do volumoso mercado de trabalho e consumo, oferecidos pelo bairro ampliado. É o caso dos municípios de Itapeverica da Serra, Embú-Guaçú e Diadema, mais a A. R. de Campo Limpo.

Santo Amaro na São Paulo de hoje está completamente dinamizado pela complexidade do capital monopolista, que combina em seu movimento essa contradição estrutural de desenvolver certas áreas com o preço do sacrifício de outras. Dinâmica esta, que recentemente reascendeu a luta pela emancipação municipal (50 anos após a anexação) e ao mesmo tempo comprovou que a integração do bairro ampliado à metrópole terciarizada já era algo irreversível, na medida em que o processo geo-econômico inserido nessa integração não se modifique consideravelmente. A menos que nova arbitrariedade no jogo de interesses políticos constitua-se negligenciando a existência ou não de tal modificação.

Enfim, podemos afirmar que, ao reproduzirmos a análise da industrialização e suas consequências diretas na consolidação metropolitana (imigração, choques culturais, redefinição do terciário, etc.) perante a formação desta regional, sentimos a amplitude que se faz necessária para compreendermos melhor a geografia historicamente desenvolvida em Santo Amaro. Sabemos que a terciarização irrompe-se numa cidade consolidada industrialmente. Por isso já temos as bases ideais, para tentarmos abordá-la em seguida.

Interpretando o Processo de Terciarização Metropolitana em Santo Amaro

O próprio título deste capítulo deixa implícita a idéia de que o arranjo de terciarização, no interior de Santo Amaro, não estará esgotada aqui de forma taxativa. O estudo desse arranjo permanecerá em andamento se nos propuzermos a explorar seus outros aspectos fundamentais, cuja ausência pode até demarcar uma lacuna no presente exercício. Contudo, será com as limitadas noções alcançadas que faremos aqui uma breve tentativa de verificarmos concretamente a espacialização desse processo na base geográfica retalhada a pouco.

Ao discorrermos sobre a área metropolitana da região, pudemos diferenciar 3 combinações de arranjos de mercados empregadores (em termos de serviços), relativamente homogêneas, de acordo com a concentração dos estabelecimentos. A primeira sendo o Largo 13 de Maio, o Largo de Socorro e arredores, preenchidas marcadamente com um misto de serviços encontradas nas outras duas. Estas seriam as representantes de um terciário "central" (marcado por atividades de âmbito regional e metropolitano) e de um terciário "periférico" (com atividades em geral de alcance local). Cabe lembrar, que neste sentido acima utilizado, "central" e "periférico" excluem um raciocínio técnico-estrutural para os serviços, situando apenas a lógica espacial de atendimento. Em paralelo a essa distinção de âmbito de mercado, estava a frequência do aparecimento de estabelecimentos que ora tendem a concentração, ora a dispersão da mão-de-obra em seu interior. Foi assim que descrevemos a base do quadro estrutural, definindo uma espécie de "paisagem de mercado de serviços" da região.

Já que por traz dessas definições temos assentada a idéia de como ocorreu o processo de integração de Santo Amaro, à metrópole paulistana, podemos trabalhá-la como base de verificação real do fenômeno de terciarização sócio-econômica. Vimos que o motor dessa integração inicial, a industrialização, progressivamente dominada pelo capital monopolista do pós-guerra, encontrou na geografia santo-amarense da época, dois "espaços" produzidos a serviço do arranjo econômico anterior (o qual espacializa-se na cidade comercial do capitalismo agro-exportador, com surtos de industrialização). São eles, no que hoje corresponde à regional, a área urbana "tradicional", que contém o Largo 13 de Maio com seu entorno, e uma vasta área rural, pontilhada de vilarejos, circunscrevendo todo aquele locus urbano.

A medida que a metrópole industrial vai se terciarizando qualitativamente e se expandindo, firma-se uma urbanização consolidante da área intermediária entre o "miolo" da cidade e o tradicional Largo 13 (onde localizam-se os bairros do Ibirapuera, Brooklin, Indianópolis, etc.). Como fenômeno geral em toda São Paulo, as rodovias vão canalizar a implantação das indústrias mais pesadas e

modernas; e, em Santo Amaro, a Marginal do Pinheiros, será a principal representante desta tendência. Nela se instalou um fortíssimo pólo industrial que contribui decisivamente na atração para Santo Amaro e redondezas de uma vasta mão-de-obra, reforçando inclusive a urbanização periférica da região. Essa concentração foi redefinindo o centro do antigo município e constituindo outros "centros locais", através da demanda de bens e serviços de consumo direto. A partir desse momento podemos falar da implantação de Pólos Terciários, os quais concentram um certo número de estabelecimentos do Setor de Serviços e Comércio, mediante a expansão da demanda.

Ocorre que essa lógica sócio-econômica, é herdada do capitalismo liberal que, por sua vez, não desaparece na fase de domínio monopolista. Verifica-se aí o processo de terciarização do emprego e de estabelecimento de serviços de maneira horizontal, e diretamente dependente da industrialização paulistana que atingiu a regional. A transformação violenta do Largo 13 de Maio, em 20 anos, num poderoso Pólo Terciário regional é, à princípio, uma consequência direta do que chamamos de **Terciarização Periférica** fenômeno este que situa-se a reboque de um processo de urbanização industrial.

Na periferia da região em estudo, é que percebemos, de forma mais clara, o andamento expansivo desse fenômeno. O chamado "comércio local" e os serviços pessoais e públicos, como: escolas, creches, postos de assistência, etc., ao se assentarem em bairros de recente ocupação, assim como também naqueles antigos (por exemplo: Cidade Dutra), antes despossuidores de "Pólos Terciários", denotam o movimento espacializado do processo em questão. Assim eles reorganizam seus fluxos de consumo e trabalho, determinam o papel das vias (inclusive residenciais) e consolidam uma primeira urbanização do capitalismo industrial. Neste caso prioritariamente afastando o rural (para além do Grajaú, Vila São José e Eldorado). Mas, em termos de antigas ocupações como o Largo de Socorro, processando uma reurbanização orgânica, segundo seu novo papel.

Mas como enquadramos Santo Amaro na metropolização terciarizada do espaço urbano? Entendendo esta, como consequência indireta do desenvolvimento industrial? Não. Pois compreendemos a metrópole como uma transformação espacial qualitativa das cidade industrial, veiculada pelo capital monopolista atualmente dominante. Essa organização do capital, absorveu a articulação anterior (de caráter liberal), fazendo com que de sua produção emergisse o espaço geográfico de uma cidade como um corpo complexamente constituído de centro, periferia e transições (locus "mistos"): a metrópole. E o processo sócio-econômico - permeado cada vez mais de articulações políticas através da intervenção estatal - que direciona esse arranjo metropolitano é a terciarização, via sua face mais característica, ou seja a Terciarização Central. A mesma, que como já afirmamos, qualifica-se pelo assentamento da capitalização intensiva das relações de produção no interior dos serviços (seja do setor ou como atividade imaterial).

Nesse prisma, tentaríamos fazer um paralelo entre a Urbanização Industrial e a Metropolização Terciarizada, no sentido de verificar como a segunda vem sucedendo à primeira na geografia de Santo Amaro. Acontece que não há sucessão espacial direta, como se as áreas de Terciarização Periférica desaparecessem com a chegada de elementos (estabelecimentos e organizações dos serviços) que denotam a presença da Terciarização Central. Ambas se combinam, convivendo em praticamente toda extensão do espaço metropolita-

no (a mancha urbana" em específico). Desse modo, retomemos o quadro urbano que analisamos em Santo Amaro, no sentido de identificarmos onde e como se expressa essa terciarização central, e a partir daí constatar o quanto ela determina a metrópole, mas não numa relação tão direta como a implicação industrialização/urbanização.

A área classificada como locus de um Terciário "Central" (no sentido aqui somente de amplitude de mercado) serve como principal base geográfica para a verificação desse processo, seja nos corredores viários que sustentam os mais variados serviços ou na principal zona de indústrias (Jurubatuba - Pinheiros). Os estabelecimentos que os caracterizam seriam os escritórios centrais ou grandes órgãos de prestação de serviços como o Santa Marta (hospital), o prédio "Ciba-Geigy" (escritório central), e o Shopping Center Morumbi (lojas de departamentos), entre outros exemplos. Isto se dá não pelo seu tamanho, mas porque a organização interna do trabalho é sustentada pelo assédio da capitalização dos serviços. Na área em questão, distinguimos não só esse tipo de estabelecimento (que numericamente é minoria), mas também serviços especializados ligados ou não ao consumo pessoal (clínicas, bancos e outras casas da Av. Santo Amaro e José Diniz, além do próprio Pólo do Brooklin, onde situam-se casas comerciais de atendimento supra-local).

Por outro lado, "os novos serviços", em desenvolvimento no interior da indústria ou em seu paralelo, tendem a ser ótimos exemplos desse processo de Terciarização Central. No "Cadastramento Ocupacional" fomos encontrar um número maior de "produtores" indiretos nas indústrias químicas e farmacêuticas, grandes representantes daquelas que referem um constante aprimoramento tecnológico, possibilitando e exigindo a criação de novos cargos. Muitos dos quais passando a gestar as principais atividades para a sustentação do lucro, e é por isso que identificamos essa face da Terciarização como determinante e não mais consequência da industrialização.

Há que se diferenciar, contudo, conforme já alertamos anteriormente, na terciarização central, o desenvolvimento dos serviços de controle e gestão (incluindo os institutos de ciência e tecnologia), dos serviços em geral que se dinamizaram pelo advento da capitalização interna da divisão do trabalho. Estes segundos tornavam-se **necessariamente produtivos** para o capital (no sentido econômico) mas os primeiros não; tanto que muitas vezes são representados pelos serviços públicos de administração direta. Em Santo Amaro, vamos encontrar mais raramente estes serviços de gestão - os de Controle, no caso, Social, possuem um sentido mais difuso e não se restringem ao direcionamento da terciarização Central. Já verificamos que eles parecem incorporar uma dinâmica, a qual praticamente impossibilita a delimitação de ambas as faces. Contudo, os de gestão, freqüentemente destacam-se nas sedes das firmas e órgãos do tipo: sede nacional da Gessi-Lever, Centro Empresarial de São Paulo, Grupos Empresariais que encontramos na Av. Berrini, etc. Na constituição da paisagem metropolitana, a terciarização central sobre Santo Amaro é mais facilmente detectada por estabelecimentos que não adquirem essa função de gestão (aerportos, clubes e casas de lazer, lojas de departamento, agências de emprego, clínicas e escolas técnicas). Estes, inclusive, tendem a alcançar mais rapidamente a periferia geográfica.

Porém, não nos esqueçamos que estas poucas especializações citadas, representando pelo contexto a Terciarização Central, não homogenizam por completo e detalhadamente o espaço metropolitano em expansão. A capitaliza -

ção dos Serviços é uma **tendência contraditória**, evidenciada na concretude do processo, que, como vimos, encabeça duas faces. Se tomarmos os arredores do Shopping Center Morumbi (notável representante de terciarização central) não deixamos de encontrar o exercício de atividades declaradamente ligadas ao fluxo de consumidores: os pipoqueiros, vigias, jornalheiros, formais ou informais por si só não deixam de comprovar a permanência da Terciarização Periférica, ainda que esta "periférica" não esteja, não sofra nenhuma influência agora do assentamento industrial.

A parcela santo-amarense do espaço urbano e metropolitano de São Paulo assegura, por intermédio do estudo de mais reais articulações, que a terciarização processada em duas faces, a partir do capitalismo monopolista, não é um fenômeno, nem revolucionário nem dual. Ela se apresenta como algo contraditório e desigualmente combinado, porque assim metropoliza-se o espaço na formação de centro e periferia. Portanto a Terciarização do Espaço Metropolitano, estudada através dessa Regional, comprova os seguintes tópicos:

- Trata-se de um processo dependente da contextualização do Capitalismo Monopolista.
- Trata-se de um movimento muito recente ao nível dessa regional como podemos verificar na própria carta esquemática que elaboramos.
- Trata-se de um objeto que melhor seria interpretado se nosso estudo empírico pudesse ser efetuado sobre toda a Metrópole. É nesses termos que apontamos, o que queremos deixar como propostas aos interessados na complexidade atual da divisão do trabalho social.

CONCLUSÃO?

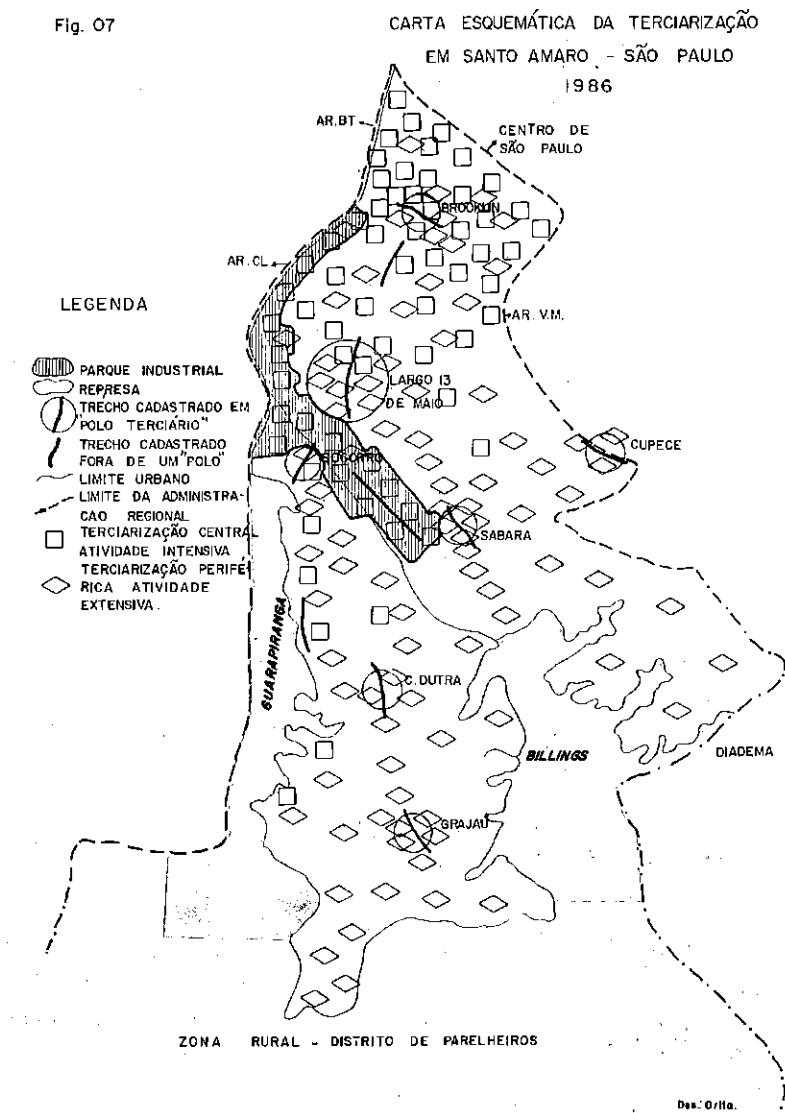
A pergunta é pertinente face ao tanto de interpretação da geografia de Santo Amaro que fizemos, através do estudo do Processo de Terciarização. A resposta certamente será um **talvez**, não porque duvidamos daquilo que conseguimos teorizar, mas exatamente pelo fato de teorizarmos sobre muitos fatos que até pouco tínhamos como dúvidas, e, a medida que fomos produzindo, desafiando-nos a esclarecê-las.

Os exemplos para justificar esse cuidado são fartos: a real distinção entre os conceitos de Centro e Periferia, no Espaço e na Estrutura de Serviços; a diferenciação contextualizada entre metrópole e cidade; os limites da inserção metropolitana em Santo Amaro, e assim por diante. Não nos propomos a fazer um questionário de dúvidas e compor o texto final na forma de um inquérito. Isto contrariaria nossos objetivos e método de estudo, caracterizados pelo transcorrer de um processo, ou seja, nele a idéia simplista de causa e efeito não sustenta a compreensão da realidade.

Enfim, pelo que vimos, esta realidade impossibilita-nos de traçar limites rígidos. A Terciarização em Santo Amaro está em prosseguimento, encontrando-se num estágio que territorialmente expressa-se mais pela produção, do que pela reprodução das relações capitalistas sobre o trabalho dos servidores (principalmente os do próprio Setor). O arranjo desse desenvolvimento vem sendo constituído semelhantemente a concepção de alguns autores dialéticos, como LIPPIETZ, que pensam a expansão do capitalismo de maneira vertical (concentrada) e horizontal (dispersa). Pensamos nós, o Processo de Terciarização espacializando-se na mesma combinação (que fundamenta a idéia de

"faces"), e conseguimos, tombando as místicas classificações de setores e ramos, sugerir uma lógica para seu comportamento, na geografia de Santo Amaro.

Se a própria "conclusão" põe-se a questionar a veracidade do produto de nosso esforço, porque não desejáramos que este estudo incorporasse aqui uma nova Introdução: Esteja aberto o debate...



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Além das referências bibliográficas que constaram da primeira parte deste trabalho, editada no Boletim Paulista de Geografia nº 65, foram utilizadas especificamente nesta segunda parte os seguintes trabalhos:

ALMEIDA, ANNA L. O. DE (1976) - Distribuição de renda e emprego em serviços. São Paulo, I.P.E., Coleção "Relatórios de Pesquisas".

ALMEIDA, WANDERLEY J. M. DE (1973) - Dinâmica do setor de serviços no Brasil: emprego e produto. São Paulo, I.P.E., Coleção Relatórios de Pesquisas nº 18.

CACCIAMALI, MARIA C. (1983) - Setor Informal Urbano e formas de participação na produção. São Paulo, I.P.E. - USP

DIEESE (1986) - Emprego e desemprego na Grande São Paulo.

FIBGE - Censos Econômicos do Estado de São Paulo - 1970, 1975 e 1980.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO (1976) - O desafio metropolitano. São Paulo, Série Documentos.

SNM - EMPLASA (1977) - Diretrizes para localização de atividades terciárias na Grande São Paulo. São Paulo.

SEMPLA (1984) - Planos da Região Administrativa de Santo Amaro - dossiê termo de referência/plano de trabalho. São Paulo.

(1981) - Caracterização da evolução e tendência de assentamento do terciário na Grande São Paulo. São Paulo.

(1981) - Caracterização sócio-econômica da Grande São Paulo. São Paulo.

(1981) - Análise da evolução do setor de comércio da Grande São Paulo. São Paulo.

(1981) - Análise da evolução do setor de serviços da Grande São Paulo. São Paulo.

RESUMO

O presente texto complementa o estudo sobre a Tercialização e espaço metropolitano (BPG nº 65) com uma análise específica deste processo na Região Administrativa de Santo Amaro - São Paulo. Em uma primeira parte apresentamos o trabalho desenvolvido no campo; consecutivamente, esboçamos a interpretação teórica voltada para a região, com base nos dados levantados.

RÉSUMÉ

Cet article est la complementation de l'étude sur Terciarisation et Espace Metropolitain (BPG nº 65) avec une analyse spécifique sur ce process dans la Région Administrative de Santo Amaro, São Paulo. Dans la première partie l'auteur présente le travail sur le terrain, et ensuite, l'interpretation théorique de la région, fondée sur les données obtenus.

ABSTRACT

This paper completes the study about Tertiary and Metropolitan Space (BPG nº 65) with a specific analysis of this process in the Administrative Region of Santo Amaro, São Paulo. In its first section is presented the field work developed by the author, followed by a theoretical interpretation of the region based on the obtained data.

TABELA 1 -Distribuição estrutural relativa: dados proporcionais de trabalhadores e estabelecimentos por ramos cadastrados.

trab/est	SAB	CUP	BOR	VIL	PIN	L.13	S.A.	M.N.	J.D.	ATLA	T
a-1	4/7	5/12	4/9	11/5	1/1	50/41	1/2	12/7	11/16	-/-	100/100
b-1	3/11	5/17	10/22	3/5	5/8	39/22	5/3	5/8	24/3	-/-	100/100
c-1	1/5	2/5	-/-	-/2	-/-	1/5	30/14	10/24	32/21	28/24	100/100
d-1	13/16	11/20	1/3	16/26	2/5	28/8	-/-	12/10	15/11	-/-	100/100
e-1	23/20	2/9	-/-	26/20	2/9	2/9	28/9	17/27	-/-	-/-	100/100
f-1	14/17	18/28	5/11	2/2	6/9	31/15	2/2	21/17	-/-	-/-	100/100
g-1	6/12	8/17	2/5	2/3	4/4	65/41	-/1	12/5	1/1	-/-	100/100
h-1	6/9	43/20	7/14	3/6	4/3	25/26	2/5	8/12	1/2	-/2	100/100
outros-1	11/5	12/16	10/16	5/4	9/11	29/19	4/5	14/10	5/4	1/-	100/100
tot/Com.	10/3	10/16	4/11	8/6	4/7	31/24	9/4	13/12	7/5	3/2	100/100
A/2	3/3	8/12	2/2	6/7	25/20	31/28	2/5	19/8	4/5	-/-	100/100
B/2	-/4	-/4	-/-	-/-	-/-	48/35	4/35	2/11	44/7	2/4	100/100
C/2	17/17	12/21	15/12	12/11	9/7	16/14	10/5	8/10	-/3	-/-	100/100
D/2	4/7	-/7	8/7	2/7	20/20	63/45	-/-	-/-	-/-	3/7	100/100
E/2	3/13	1/15	1/6	6/11	4/6	31/17	15/7	30/13	9/2	-/-	100/100
F/2	3/12	3/6	2/3	1/6	4/6	6/15	54/3	4/15	-/-	23/28	100/100
G/2	9/9	9/18	10/15	12/12	8/8	26/18	12/6	11/10	1/3	-/-	100/100
H/2	1/2	-/3	-/1	-/1	2/3	7/43	63/7	3/28	24/10	-/-	100/100
I/2	4/8	22/19	7/5	18/8	2/3	13/40	7/3	27/14	-/-	-/-	100/100
J/2	15/30	-/30	-/-	15/10	-/-	55/10	-/-	-/10	15/10	-/-	100/100
outros-2	8/11	14/17	7/10	3/4	8/10	38/25	7/7	13/14	2/1	-/-	100/100
tot/Serv.	3/9	4/14	3/8	3/7	13/6	34/26	15/8	10/15	13/4	2/2	100/100
mistos	3/15	2/14	1/6	1/7	4/7	84/32	1/2	4/15	-/-	-/-	100/100
informais/4	13/12	2/2	1/1	8/8	57/64	4/1	4/4	-/-	6/4	-/-	100/100
tot/terc.	6/11	6/15	3/9	5/6	9/7	36/28	12/5	11/13	10/4	2/2	100/100
Indus.	-/-	-/-	-/5	4/11	33/33	20/11	-/11	10/5	33/22	-/-	100/100
TOT. G.	5/11	5/15	3/9	5/6	13/7	33/22	10/5	11/13	13/4	2/2	100/100

OBS. (-) Significa uma representação numérica menor do que 1% ou simplesmente inexistente.

TABELA 2 - Distribuição espacial relativa: dados proporcionais de trabalhadores e estabelecimentos por trechos cadastrados.

trab/est	SAB	CUP	BOR	VIL	PIN	L.13	S.A.	M.N.	J.D.	ATLA	T
a-1	3/3	3/4	4/5	7/4	-/1	4/7	-/2	3/3	2/19	-/1	3/5
b-1	-/2	1/2	3 /5	-/2	-/2	1/2	-/1	-/1	1/1	-/1	1/2
c-1	-/1	1/1	-/1	-/1	-/1	-/1	8/7	3/5	7/12	45/5	3/3
d-1	5/6	4/5	-/1	6/16	-/2	2/1	-/1	2/3	2/10	-/1	2/4
e-1	24/1	2/-	-/1	26/2	-/1	-/1	14/1	8/1	-/1	-/1	5/1
f-1	3/4	3/5	2/3	-/1	-/3	1/1	-/1	2/4	-/1	-/1	1/3
g-1	7/12	9/12	4/5	2/6	1/6	10/15	-/2	6/12	-/3	-/1	5/10
h-1	3/3	19/5	6/6	2/4	1/2	2/4	-/4	2/4	-/1	-/4	2/4
outros-1	19/26	17/21	29/34	7/12	6/27	7/13	4/18	10/16	3/2	4/4	8/19
tot/Com.	65/59	59/55	48/62	51/48	10/44	28/44	27/37	36/49	16/64	49/43	30/50
A/2	9/1	24/3	10/1	19/4	31/9	15/3	4/4	29/5	5/4	-/1	16/3
B/2	-/1	-/1	-/1	-/1	-/1	10/2	3/10	1/1	23/3	9/4	7/2
C/2	2/7	1/6	2/6	1/8	-/4	-/2	-/5	-/3	-/3	-/1	-/4
D/2	6/1	-/1	19/1	2/1	10/2	13/1	-/1	-/1	-/1	14/4	7/1
E/2	2/3	1/3	1/2	3/5	1/2	3/2	4/10	8/3	2/1	-/1	3/3
F/2	1/2	1/1	1/2	-/2	-/2	-/1	10/1	1/2	-/1	25/31	2/2
G/2	4/5	4/7	8/10	5/12	1/6	2/4	3/7	2/5	-/4	-/1	2/6
H/2	1/1	-/1	-/1	-/1	1/2	1/8	46/7	2/11	13/12	-/1	7/5
I/2	-/2	1/3	-/1	1/3	-/1	-/3	-/1	1/2	-/1	-/1	-/2
J/2	-/2	-/1	-/1	-/1	-/1	-/1	-/1	-/1	-/1	-/1	-/1
outros-2	3/7	4/8	4/8	1/5	1/10	2/6	1/10	2/8	-/1	-/1	2/7
tot/Serv.	30/31	36/33	47/32	34/42	46/38	47/32	72/55	46/42	44/31	48/39	47/36
mistos	4/7	2/5	2/3	2/6	2/5	14/6	-/2	2/6	-/1	-/1	6/5
informais/3	2/6	1/2	-/1	-/8	2/18	-/2	-/2	-/1	-/1	3/18	1/8
tot/terc.	100/100	100/100	98/99	87/98	58/95	90/99	100/98	84/99	60/94	100/100	84/99
indus.	-/1	-/1	1/1	13/2	41/5	10/-	-/2	10/-	40/6	-/1	16/1
TOT. G.	100/100	100/100	100/100	100/100	100/100	100/100	100/100	100/100	100/100	100/100	100/100

OBS: (-) significa uma representação numérica menor do que 1% ou simplesmente inexistente.

TABELA 3 - Distribuição dos ramos comerciais (dados absolutos)

	SAB	CUP	BOR	VIL	PIN	L.13	S.A.	M.N.	J.D.	ATLA	T
/a1/	c 6	9	7	4	1	33	2	5	13	0	80
	t 27	30	22	68	9	306	8	70	66	0	606
	e 6	10	8	4	1	35	2	6	14	0	86
	c 2	3	7	2	2	5	1	3	1	0	26
/b1/	t 4	8	15	5	7	58	8	8	36	0	149
	e 4	6	8	2	3	8	1	3	1	0	36
	c 1	2	0	0	0	1	4	8	8	9	33
/c1/	t 3	10	0	0	0	7	167	56	180	154	577
	e 2	2	0	1	0	2	6	10	9	10	42
	c 10	10	2	14	2	5	0	6	6	0	55
/d1/	t 51	44	4	64	10	116	0	50	62	0	401
	e 10	12	2	16	3	5	0	6	7	0	61
	c 2	1	0	2	1	1	1	3	0	0	11
/e1/	t 230	16	0	256	17	24	280	170	0	0	993
	e 2	1	0	2	1	1	1	3	0	0	11
	c 8	13	5	1	4	7	1	7	0	0	46
/f1/	t 27	33	10	4	11	58	4	40	0	0	187
	e 8	13	5	1	4	7	1	8	0	0	47
	c 21	28	8	6	7	70	2	25	2	0	169
/g1/	t 66	91	22	18	39	719	3	132	10	0	1100
	e 21	29	8	6	7	70	2	26	2	0	171
	c 6	9	9	4	3	13	3	7	1	0	54
/h1/	t 28	200	34	16	18	115	9	38	5	0	463
	e 6	13	9	4	2	17	3	8	1	1	64
	c 45	51	51	12	33	58	14	32	12	1	309
/outros 1/	t 186	187	160	74	150	470	70	228	75	15	1615
	e 46	52	51	12	34	60	15	33	12	1	316
	c 3	2	1	0	0	2	0	1	0	0	9
/mistos comerciais (incluídos nos outros 1/)	t 15	15	4	0	0	25	0	35	0	0	94
	e 3	2	1	0	0	2	0	1	0	0	9
	c 101	126	89	45	59	193	28	96	43	10	783
TOTAL GERAL	t 622	619	267	505	261	1873	549	792	434	169	6091
	e 105	138	91	48	55	205	31	103	46	12	834
	c 22	29	32	8	20	30	7	12	7	1	168
alimentos e bebidas	t 93	128	115	56	96	308	32	119	47	15	1009
	e 23	30	32	8	20	31	7	13	7	1	172

OBS: os dados do comércio de alimentos e bebidas foram destacados extraordinariamente e estão incluídos no montante de "outros 1/".
e = estabelecimentos cadastrados 1 = trabalhadores cadastrados e = estabelecimentos relacionados

TABELA 4 - Distribuição dos ramos de serviços (dados absolutos)

	SAB	CUP	BOR	VIL	PIN	L.13	S.A.	M.N.	J.D.	ATLA	T
/A2/	2	4	1	4	11	14	2	10	3	0	51
c	88	255	60	193	833	1047	84	649	135	0	3344
t	2	7	1	4	11	15	3	10	3	0	56
e	1	1	0	0	0	8	9	3	1	1	24
/B2/	5	4	0	0	0	708	56	26	648	30	1477
c	1	1	0	0	0	9	9	3	2	1	26
t	5	5	8	6	5	6	3	4	0	0	42
e	15	11	13	11	8	14	9	7	0	0	88
/C2/	12	15	9	8	5	10	4	7	2	0	72
c	1	0	1	1	3	7	0	0	0	1	14
t	60	0	105	22	275	883	0	0	0	47	1392
e	1	1	1	1	3	7	0	0	0	1	15
/D2/	5	4	3	2	3	3	5	4	1	0	30
c	18	6	6	34	25	181	89	178	50	0	587
t	6	7	3	5	3	8	8	6	1	0	47
e	4	2	3	2	2	3	1	4	0	7	28
/E2/	13	11	8	5	15	21	202	16	0	86	377
c	4	2	3	2	2	5	1	5	0	9	33
t	9	15	14	12	8	16	6	10	2	0	92
e	38	37	42	51	34	110	50	47	5	0	414
/G2/	9	17	14	12	8	17	6	10	3	0	96
c	2	0	1	2	2	6	6	9	7	0	35
t	13	0	3	3	29	97	912	41	357	0	1455
e	2	3	1	1	3	37	6	24	9	0	86
/H2/	1	3	2	3	1	3	1	4	0	0	18
c	2	10	3	8	1	6	3	12	0	0	45
t	3	7	2	3	1	15	1	5	0	0	37
e	1	0	0	1	0	1	0	0	1	0	4
/I2/	2	0	0	2	0	7	0	0	2	0	13
c	3	3	0	1	0	1	0	1	1	0	10
t	12	16	10	4	9	26	5	14	1	0	97
e	26	46	22	9	25	122	22	41	5	0	318
/outros 2/	13	20	12	5	12	29	8	16	1	0	116
c	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	3
t	0	0	0	0	1	6	0	5	0	0	12
e	0	0	0	0	1	2	0	1	0	0	4
/outros 2/	43	50	43	37	44	93	38	62	16	9	435
TOTAL	280	380	262	338	1245	3196	1427	1017	1202	163	9510
GERAL	56	83	46	42	48	153	46	87	22	11	594

c = estabelecimentos cadastrados

t = trabalhadores cadastrados

e = estabelecimentos relacionados

TABELA 5 - Distribuição dos trabalhadores e estabelecimentos industriais no trecho de JURUBATUBA.

INDÚSTRIAS	PRODUÇÃO	ATIV.TERC.	TOTAL	ESTAB.	ESTAB.FECH.
Metalúrgicas	4780	4029	8809	08	01
Plásticas	584	471	1055	03	00
Químicas	864	1792	2656	02	01
Elétricas	204	197	401	02	00
Farmacêuticas	180	455	635	02	00
Alimentícias	133	111	244	01	00
Têxteis	330	182	512	01	00
Outras	155	58	213	02	00
(T.Indust.)	7230	7295	14525	21	02
Outros Estabs.	---	514	514	07	01
TOTAL	7230	7809	15039	28	03

TABELA 6 - Comparação dos trabalhadores dos trechos L.13, JURU. e S.A./J.D.

	TERCIÁRIO ESP.CENTRAL	TERCIÁRIO MISTO	ZONA INDUSTRIAL	TOTAL
SA.JS	SA/JD	L.13	JURU.	TOTAL
TRABALHADORES NA PRODUÇÃO	21% / 12% 1011	5% / 4% 352	48% / 84% 7230	32% / 100% 8593
TRABALHADORES EM ATIV.TERCÍARIAS (+ setor)	79% / 21% 3741	95% / 36% 6470	52% / 43% 7809	68% / 100% 18.020
TOTAL DE TRABALHADORES	100% / 17% 4752	100% / 26% 6822	100% / 57% 15039	100% 26613

OBS: esses trechos são representantes de diferentes zonas de ocupação terciária.

TABELA 7-Distribuição dos totais de trabalhadores e estabelecimentos (cadastrados e relacionados) por trechos de vias.

ESPEC.	SAB	CUP	BOR	VIL	PIN	L.13	S.A	MN	JD	ATLA	T	
	Cadast	101	126	89	45	52	193	28	96	43	10	783
Comércio	Trab	622	619	267	505	261	1873	549	792	434	169	6091
	_Relac	105	138	91	48	55	205	31	103	46	12	834
	Cadast	43	50	43	37	44	93	38	62	16	9	435
Serviços	Trab	280	380	262	338	1245	3196	1427	1017	1202	163	9510
	_Relac	56	83	46	42	48	153	46	87	22	11	594
Misto	Cadast	13	11	5	6	6	24	2	12	0	2	79
(stc)	Trab	39	22	11	16	42	970	8	46	0	0	1154
	_Relac	13	12	5	6	6	27	2	13	0	0	84
	Cadast	5	14	3	1	10	84	2	5	0	5	129
Informais	Trab	9	26	4	1	15	110	8	8	0	12	193
	_Relac	5	16	3	1	10	84	2	5	0	5	131
T	Cadast	162	201	140	89	112	394	70	175	59	24	1426
(setor)	Trab	950	1047	544	860	1563	6149	1992	1863	1636	344	16948
	_Relac	179	249	145	97	118	469	81	208	68	22	1643
	Cadast	0	0	1	2	6	2	1	1	4	0	17
Industriais	Trab	0	0	8	132	1114	673	1	352	1123	0	3403
	(prod)	(0)	(0)	(7)	(109)	(532)	(352)	(1)	(187)	(1010)	(0)	(2203)
	_Relac	0	0	1	2	6	2	2	1	4	0	18
	Cadast	162	201	141	91	118	396	71	176	63	24	1443
TOTAL	Trab	950	1047	552	992	2677	6822	1993	2215	2759	344	20351
GERAL	Relac	179	249	146	99	125	471	83	209	72	28	1661

TABELA 3 Distribuição dos estabelecimentos e pessoal ocupado por setor de atividade de 1970/75/80

	1970		1975		1980	
	Estabelec.	P. OCUPADO	Estabelec.	P. OCUPADO	Estabelec.	P. OCUPADO
Mun. de Sao Paulo	50.157	219.229	51.947	277.017	60.861	340.862
COMERCIO	45%	22%	42%	21%	38%	21%
SERVICOS	39.587	141.513	46.680	253.627	75.366	390.107
	36%	14%	38%	19%	47%	24%
SETOR TERC.	89.744	360.742	98.627	530.644	136.227	730.969
	81%	36%	80%	40%	85%	45%
INDÚSTRIAS	20.543	623.927	25.444	813.569	24.842	914.980
	19%	64%	20%	60%	15%	55%

TABELA 9 -Município de São Paulo: população economicamente ativa

	1970		1980	
Ativ. Comerciais	295.612	13%	396.542	13%
Transp. e Comunic.	131.200	6%	160.897	5%
Prestação de Serv.	472.907	20%	745.728	23%
Ativ. Sociais	128.136	6%	264.920	8%
Ativ. Administrativas	104.486	4%	111.841	4%
(Terciário)	1.132.341	49%	1.680.367	53%
(Secundário)	911.045	39%	1.279.658	40%
Outras atividades	265.324	12%	218.997	7%

